



MARIA FELIPA

UMA HEROÍNA BAIANA

UFRJ - CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES - EBA
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO VISUAL

MARIA FELIPA

UMA HEROÍNA BAIANA

A HISTÓRIA ILUSTRADA DA HEROÍNA DA
INDEPENDÊNCIA DO BRASIL NA BAHIA

PROJETO E MONOGRAFIA
DE CONCLUSÃO DE CURSO EM
Comunicação Visual Design

2018.2

por Lívia Prata da Silva

ORIENTAÇÃO Marcelo Ribeiro

AGRADECIMENTOS

O projeto final é uma etapa muito importante na vida profissional. Minha aspiração é ter condensado em um só projeto tudo o que consegui assimilar e me encantar durante os anos em que estive nessa Escola.

Agradeço à toda a comunidade acadêmica da Escola de Belas Artes, aos excelentes professores de Comunicação Visual Design que contribuíram para a minha formação, em especial ao meu orientador, Marcelo Ribeiro, e ao professor Ary Moraes.

Aos meus pais e a toda a minha família, por terem me dado todo o apoio necessário para chegar até aqui.

Aos meus amigos e colegas, principalmente aqueles que contribuíram de forma tão generosa com este trabalho: Lucas Santos, Mayara Lista, Paula Cruz e Julia Gonçalves. Agradeço à todos com quem tive oportunidade de dividir um ambiente de trabalho durante a minha formação. Todos vocês foram e são de vital importância para a construção de quem eu sou hoje como profissional e indivíduo.

E por fim, a todos que despertaram em mim essa indignação benigna, a força que me faz desejar todos os dias um mundo mais justo para as mulheres e para todos, utilizando os recursos que me cabem. Seguimos juntos.

PRATA, Livia.

Maria Felipa - uma heroína baiana: A história ilustrada da heroína da Independência do Brasil na Bahia.

Maria Felipa - a heroine from Bahia: The illustrated story of Brazil Independence in Bahia's heroine.

RESUMO

Quando se procura por referências e grandes feitos realizados por mulheres, é perceptível a discrepância em termos numéricos e de relevância das informações em relação aos homens. A história da mulher brasileira foi fragmentada durante muitos anos por meio de alguns artigos, pequenos trabalhos e poucas obras gerais, trazendo a desconfortável sensação de que mais exíguos do que as narrativas sobre a mulher no passado, são os documentos que a têm como protagonista (DEL PRIORE, Mary - 1988). Esse projeto pretende devolver o protagonismo à Maria Felipa de Oliveira, uma mulher negra, pescadora, marisqueira e ganhadeira que lutou nas batalhas de independência do Brasil na ilha de Itaparica (Bahia - BA). Utilizando a ilustração e o design, o resgate da história desta personagem desvalorizada pela história oficial tem o objetivo de trazer consciência social e de gênero, subvertendo a lógica que, durante muito tempo, excluiu grupos marginalizados do escopo de heróis aclamados.

PALAVRAS-CHAVE: Maria Felipa, Independência da Bahia, livro ilustrado, representatividade feminina.

ABSTRACT

When looking for references of great acts performed by women, the numerical difference between man and woman feels astonishing. Brazilian women's history has been fragmented for many years in form of few articles, small papers and few general studies, leaving the uncomfortable feeling that the documents bringing women as protagonist are fewer than narratives about woman in the past (DEL PRIORE, Mary - 1988). This project intends to bring back protagonism to Maria Felipa de Oliveira, a black woman who fought the Independence battles in Brazil at the island of Itaparica, in the state of Bahia. By using illustration and design, Maria Felipa's story of life is brought to light, subverting the logics that excluded marginalized groups contribution to this country's heroes scope for so long.

KEY WORDS: Maria Felipa, Bahia's Independence, picture book, women representation.

*“Durante muito tempo na história,
anônimo era uma mulher.”*

VIRGINIA WOOLF

SUMÁRIO

Introdução

1. Ilustração

- 1.1 Definição
- 1.2 O livro ilustrado
- 1.3 Relações texto-imagem
- 1.4 Estereótipos na criação de imagens
- 1.5 O imaginário na ilustração

2. Pesquisa de campo

- 2.1 Por que a Bahia?
- 2.2 Centro Histórico de Salvador
- 2.3 Casa de Maria Felipa
- 2.4 Casa de Oxumarê: a religiosidade
- 2.5 Ilha de Itaparica

3. O projeto

- 3.1 Adaptação da narrativa
- 3.2 Texto
- 3.3 Criação de personagem
- 3.4 Espelho/Storyboard
- 3.5 Desenvolvimento das ilustrações
- 3.6 Diagramação e arte-final
- 3.7 Resultados

Conclusão

Bibliografia

INTRODUÇÃO

O trabalho de conclusão de curso significa mais do que a etapa final de uma graduação, necessária para obter um diploma. Significa o começo de uma etapa profissional, em que os caminhos a escolher são muitos, e o estudante precisa, com sua própria bagagem adquirida durante os anos de graduação, seguir com seus próprios passos. Pode ser assustador, e durante muito tempo para mim, foi. Mas também é muito reconfortante poder sintetizar em um projeto tudo o que se aprendeu em anos de estudo e ter liberdade para lidar com temas conectados profundamente com o que acreditamos ser importante para nós mesmos, para nossas profissões e para a sociedade num geral.

Pensando nisso, procurei um tema que se alinhasse com a minha visão sobre o design: uma ferramenta para trazer contribuições para a sociedade por meio da valorização cultural, respeito às diferenças, diminuição da desigualdade e muitas outras coisas que julgo serem mais importantes do que o viés mercadológico no qual o design pode facilmente se limitar.

Ao analisarmos a história da humanidade em busca dos seus principais personagens, é natural que surjam primeiro à memória exemplos de homens que foram referências em suas áreas ou trouxeram

contribuições relevantes de alguma forma. Isso acontece porque esses homens tem seus nomes em livros, enciclopédias, ruas, documentos e muitos outros registros históricos. Crescer se identificando como mulher em um mundo onde nossas contribuições não foram, durante muito tempo na história, permitidas, encorajadas ou, quando existiam, valorizadas, deixa a sensação de despertencimento e de dificuldade em seguir certos caminhos que foram pavimentados pela sociedade como masculinos.

A educação feminina no Brasil foi primeiramente voltada para a esfera doméstica, durante o período colonial. Em meados do século XIX, as mulheres começam a ser admitidas em escolas particulares, mas com diferenças no ensino em relação aos homens, que estudavam matérias como cálculo enquanto a elas (as de classe mais abastada) era esperado que aprendessem habilidades relativas a comportamento na sociedade. Por meio da Escola Normal em 1880, as mulheres passam a ter acesso ao ensino público, em um processo que começou com as professoras formadas ensinando às classes populares o ensino primário e culminou com a gratuidade obrigatória para ambos os gêneros e classes na Escola.

As particularidades da história do Brasil (o fato de ter sido colônia de exploração, o longo período

de escravidão, etc) influenciaram naturalmente todos os aspectos do país, incluindo a forma como a educação feminina se desenvolveu. A educação no Brasil promoveu a manutenção do poder das elites, pois “seria na verdade uma atitude ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que proporcionasse às classes dominadas perceber as injustiças sociais de maneira crítica” (FREIRE, 1984, p. 89). A história pode e deve ser contada de forma analítica, promovendo o pensamento crítico e ensinando crianças e adolescentes a pensar por conta própria. Os benefícios de uma educação transformadora seriam incontáveis para as questões de gênero e representatividade com as quais este projeto pretende contribuir.

Hoje em dia as mulheres são mais numerosas em praticamente todos os níveis de ensino. Mas existem muitas consequências da opressão de gênero, influenciando, por exemplo, a escolha da carreira a seguir, o menor número de mulheres em cargos mais altos, entre outros. Construções históricas e sociais deixam claro que, pra atingir um cenário de igualdade e superar as diferenças citadas acima de uma vez por todas, ainda são necessárias medidas que promovam a reestruturação das relações de poder, gênero e raça a fim de que a mulher tenha representatividade em todas as áreas em que é minoria.

Valorizar a trajetória de mulheres importantes da nossa história por meio de iniciativas que busquem a sua difusão é uma iniciativa que pode contribuir para superar o problema da representatividade. Nesse sentido, o livro ilustrado é uma das possibilidades mais ricas devido à relação texto-imagem e a educação do olhar que proporciona, fazendo com que essas imagens possam se tornar parte do imaginário sobre um determinado assunto. Também possuindo um potencial paradidático, o livro ilustrado pode ser introduzido para crianças em idade escolar por pais, professores ou por escolha das próprias, contribuindo para que a questão da representatividade seja discutida desde o início da formação do indivíduo.

Sendo assim, este projeto busca utilizar a plataforma do livro ilustrado para contribuir com o debate da representatividade feminina no Brasil, considerando recortes de classe e raça e utilizando a história pouco divulgada de Maria Felipa de Oliveira como base narrativa.

Falar de Maria Felipa é também contestar a forma como a história vem sendo ensinada durante muitas gerações. Essa personagem está ligada às lutas pela independência do Brasil na Bahia, entre os anos de 1821 e 1823. Houve resistência contra os portugueses por parte de trabalhadores, negros (escravizados e libertos, africanos e brasileiros),

Maria Felipa foi objeto de pesquisa da professora Eny Kleide Vasconcelos Farias, na Bahia, durante oito anos. A história dela também já foi contada em reportagens como a da Rede Bahia¹ (afiliada da Rede Globo) e em documentários e vídeos como o da TV Escola².

¹ Conheça a história da baiana Maria Felipa. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bahia/videos/v/conheca-a-historia-da-baiana-maria-felipa/20200478/>>. Acesso em: 01/03/2017.

² GUERRA DA INDEPENDÊNCIA NA BAHIA - As Principais Batalhas. Disponível em: <<https://api.tvescola.org.br/tve/video/guerra-da-independencia-na-bahia-as-principais-batalhas>>. Acesso em: 01/03/2017.

indígenas e outras camadas oprimidas na Ilha de Itaparica, onde Maria Felipa viveu, mas os livros costumam focar no papel do imperador e da burguesia nesse processo. Foi um movimento com grande participação popular, embora não tenha gerado significativas alterações nas estruturas sociais e econômicas da época. Mesmo assim, o movimento eternizou sua importância no estado da Bahia e contribuiu para a construção do estado e do país. Liderando um grupo de aproximadamente 40 mulheres, Maria Felipa teve atuação crucial na resistência contra os portugueses e nas batalhas que se deram durante o processo de independência. A personagem está presente na memória coletiva da Ilha até hoje, com registros orais de seus feitos e de sua personalidade preservados por historiadores, pesquisadores e escritores como Ubaldo Ribeiro e Xavier Marques. Principalmente no caso de grupos marginalizados e classes populares, esse tipo de registro histórico se torna cada vez mais legítimo.

Sendo assim, Maria Felipa foi escolhida pela participação em um processo histórico no qual sua contribuição não foi devidamente valorizada. Sua trajetória se adequa aos propósitos do projeto não apenas por ser uma mulher cuja história precisa ser melhor divulgada, mas também pela sua ligação com o popular, sua religião e ancestralidade. Esses elementos, juntos, possibilitam uma com-

preensão e ressignificação da identidade feminina no imaginário brasileiro.

O projeto conta com uma pesquisa iconográfica para melhor representar a época em que a história da Maria Felipa se passa, mas com o propósito de atingir um público cuja educação visual é contemporânea, tomando em si liberdades visuais e narrativas. As escolhas realizadas nas ilustrações relacionam as representações históricas e formas contemporâneas de se produzir imagens, misturando mídias e técnicas. Através do recorte de papel, colagem, técnicas tradicionais (guache, acrílica, lápis de cor, nanquim) e uso de objetos de artesanato (rendas, tecidos, miçangas) estima-se atingir um resultado que traduza visualmente o objetivo do projeto: valorizar a participação feminina e popular na construção do país, as manifestações culturais e religiosas da região do Nordeste e trazer a experimentação visual como parte integrante de um processo que, em si, busca a reinvenção educativa, social e artística de questões de gênero.

1. ILUSTRAÇÃO

1.1 DEFINIÇÃO

Segundo Rui de Oliveira (2008), a ilustração é o resultado final de uma imagem cuja concepção e existência está condicionada a um texto, que confere o seu caráter narrativo. A ilustração, como indica o verbo *ilustrar*, clarifica e materializa um determinado conteúdo. Pode ser criada por vários meios. Sendo assim, uma fotografia também pode ser uma ilustração tanto quanto um desenho, uma gravura, uma colagem; contanto que possuam a finalidade de ilustrar um texto. Uma vez elaborada, a ilustração também pode se tornar independente do texto e funcionar como uma linguagem.

A reprodutibilidade da imagem também é uma característica central da ilustração. Isto afeta a própria concepção da imagem, desde a sua criação ao seu resultado final. Desde os primórdios da história da ilustração, a reprodução de imagens sempre foi um dos pilares que definem e contornam esta área de atuação.

O ilustrador [...] elabora conceitual e tecnicamente seu trabalho para ser reproduzido. [...] Do ponto de vista puramente técnico, o conceito de original para o ilustrador está representado no múltiplo, isto é, na reprodução industrial de sua ilustração. (pgs. 46-47)

Segundo Walter Benjamin (1955), a obra de arte sempre foi reprodutível. Primeiro, com as cópias manuais, feitas por discípulos e mestres. Porém, a evolução dos processos gráficos permitiu a reprodução técnica das imagens. O refinamento desses processos fez com que a reprodutibilidade não fosse vista como falsificação, tal como as cópias feitas à mão. Isso concede autonomia às imagens e aproxima o indivíduo da obra. No entanto, o original mantém a sua autenticidade, sua existência única a qual se segue a história da obra. A reprodução seria a responsável pela perda dessa autenticidade e de todo o contexto que envolve a obra, mesmo sendo fiel à mesma. Benjamin define essa característica da obra de arte com o conceito de aura.

Generalizando, podemos, dizer que a técnica da reprodução destaca o domínio da tradição no objeto reproduzido. Na medida em que ela multiplica a reprodução, substitui a existência única da obra por uma existência serial. E, na medida em que essa técnica permite à reprodução vir ao encontro do espectador, em todas as situações, ela atualiza o objeto reproduzido. (BENJAMIN, 1969)¹

Os argumentos de Benjamin em relação à obra de arte e à imagem reproduzida encontram eco em alguns trechos escritos por Rui de Oliveira

¹ BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. A ideia do cinema, 1969. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1563569/mod_resource/content/1/A%20obra%20de%20arte%20na%20era%20da%20sua%20reprodutibilidade%20%C3%A9cnica.pdf>. Acesso em: 07/08/2018.

em seu livro *Pelos Jardins Boboli* (2008), onde a arte (especificamente a pintura) e a ilustração são comparadas. A ilustração é sempre narrativa; a pintura pode ser narrativa ou não. Ambas podem utilizar os mesmos materiais em sua composição, como guache ou acrílica, mas a sua finalidade é estritamente distinta (OLIVEIRA, 2008, p.46). Em relação ao design, a ilustração é uma poderosa aliada para comunicar visualmente um conteúdo e tem diversas aplicações, como os exemplos a seguir: artigos de jornal, revista e site; identidade de uma marca; peças impressas como livros, capas de disco, outdoor; peças audiovisuais, sendo uma grande aliada nas etapas de pré-produção.

Rui de Oliveira, neste mesmo livro, apresenta uma divisão da ilustração em três gêneros fundamentais, apresentados a seguir:

ILUSTRAÇÃO INFORMATIVA: Exige conhecimento e clareza de informações, para objetivos específicos, e não permite ambiguidades. Exemplos: ilustrações botânicas, ilustrações para manuais técnicos.

ILUSTRAÇÃO PERSUASIVA: Direcionada para marketing e publicidade de algum produto, serviço ou evento.

ILUSTRAÇÃO NARRATIVA: Está sempre atrelada a um texto, literário ou musical. A característica desse gênero é narrar e descrever através de imagens,

relacionando-se com o texto de forma a não representar apenas tradução visual deste. (Oliveira, Rui de, 2008: pag 44)

Este projeto se encaixa na categoria de ilustração narrativa, por estar atrelada ao texto que conta a história de Maria Felipa. Esse gênero de ilustração é o usual em livros ilustrados. A partir disso, outras questões se desdobram: o que é o livro ilustrado? Qual formato? Qual a relação entre texto e imagem? Como a imagem se adequa ao propósito do livro?. O próximo subcapítulo trata desses assuntos, sempre contextualizando onde o projeto se encontra em cada definição.

1.2 O LIVRO ILUSTRADO

Neste capítulo, serão utilizadas duas formas de definir os livros ilustrados: através da nomenclatura e através da comparação com outras publicações. Na língua inglesa, utiliza-se as expressões “picturebook” e “picture book”. Em outras línguas os nomes também variam, sendo “album” ou “livre d’images” em francês, “album ilustrado” em Portugal e “álbum” em espanhol. As histórias em quadrinhos também utilizam o termo “álbum”, que hoje é empregado em arquivos de fotos de família ou publicações de figurinhas autoadesivas. Porém, no Brasil, essa nomenclatura não é muito

clara e não se faz distinção entre livros ilustrados e livros com ilustração. Logo, tomaremos como base a tradução de Maria Nikolajeva e Carole Scott (NIKOLAVEJA; SCOTT, 2011, p. 13): “picturebook” para livro ilustrado e “picture book” para livros com ilustração. A diferença fundamental entre os dois termos é o nível de relação texto-imagem. Já para diferenciar o livro ilustrado das outras publicações com imagens, será utilizada como base a tabela de Sophie Van der Linden:

LIVROS COM ILUSTRAÇÃO – Texto acompanhado de ilustração, sendo que o texto é espacialmente predominante, autônomo e sustenta a narrativa.

PRIMEIRAS LEITURAS – Possuem formato de romance, com narrativa sequenciada em capítulos curtos. É voltada para leitores em formação. Podem ser aproximadas dos livros ilustrados por conter vinhetas e imagens emolduradas por texto.

LIVROS ILUSTRADOS – Narrativa articulada entre texto e imagem, onde a imagem é especialmente preponderante. Pode também não haver texto (no Brasil é chamado de livro-imagem).

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS (HQ) – Caracterizada pela presença de “imagens solidárias” (nota cit. 5), cuja organização da página corresponde a uma disposição compartimentada.

LIVROS POP-UP – Livros que permitem três dimensões e/ou mobilidade na página dupla a partir de dobras, encaixes e outros artifícios.

LIVROS-BRINQUEDO – Objetos híbridos, entre o livro e o brinquedo, que possuem elementos associados ao livro ou em três dimensões.

LIVROS INTERATIVOS – São suportes para uma atividade como pintura, colagens, etc., e podem abrigar materiais necessários para tal como tintas, adesivos, etc.

IMAGINATIVOS (IMAGIERS) – Visam a aquisição da linguagem por meio do reconhecimento de imagens referenciais, com organização e funcionalidade específicas. (p. 24 e 25)

Este projeto se encaixa na definição de livro ilustrado, o “picturebook”. O texto e a imagem são complementares, mas com destaque para as imagens. Outra característica importante do projeto é a necessidade de narrar e informar ao mesmo tempo, por se tratar de um tema relacionado a história do país, baseado parcialmente em fatos reais.

É comum classificar os livros ilustrados como ficção ou informativo, definindo assim que os livros oferecem tanto narrativas como explicações. Bem, o livro informativo [...] assume

muitas vezes a forma de uma narrativa a fim de levar ensinamentos à criança. (LINDEN, 2011, p. 26)

Outra característica do livro ilustrado é a página dupla. As imagens se conectam uma com as outras tanto no mesmo par de páginas como no livro inteiro.

1.3 RELAÇÕES TEXTO-IMAGEM

A relação entre palavra e imagem é um dos aspectos fundamentais nos livros ilustrados. Os autores de estudos sobre este objeto divergem quanto à quantidade de classificações e a natureza dessa relação, portanto, nesse capítulo, me baseio nas ideias de Sophie Van der Linden em “Para ler o livro ilustrado” (2011) e nas autoras Marie Nikolajeva e Carolle Scott em “Livro ilustrado: palavras e imagens” (2011).

De maneira mais simplificada, podemos afirmar que a relação entre texto e imagem possui duas formas extremas: um texto sem imagens e uma imagem que não acompanha texto algum (NIKOLAJEVA; SCOTT, 2011, p.23). Mas, enquanto Nikolajeva e Scott categorizam muitas relações texto-imagem entre esses dois extremos, Van der Linden defende que existem três relações fundamentais: redundância, colaboração e disjunção;

e além disso, existem funções que cada aspecto cumpre em relação ao outro.

De acordo com Sophie Van der Linden (2011), a relação de redundância ocorre quando o conteúdo narrativo do texto e o da imagem se sobrepõem total ou parcialmente. Não precisam um do outro para que a essência do discurso seja compreendida, pois a relação não produz nenhum sentido adicional, embora cada linguagem possa dizer mais do que a outra. Na relação de colaboração, as linguagens de texto e imagem se complementam, adquirindo juntas um sentido comum de forma harmônica. Já na disjunção, texto e imagem surgem em narrativas paralelas, sem que se forme sobreposição e podendo ou não entrar em contradição.

Já Nikolajeva e Scott categorizam de simétricos, harmônicos e complementares:

Se palavras e imagens preencherem suas respectivas lacunas, nada restará para a imaginação do leitor e este permanecerá um tanto passivo. O mesmo é verdade se as lacunas forem idênticas nas palavras e imagens (ou se não houver nenhuma lacuna). No primeiro caso, estamos diante da categoria que chamamos “complementar”; no segundo, da “simétrica”. Entretanto, tão logo palavras e imagens forneçam informações alternativas ou de algum modo se contradigam, temos uma diversidade de leituras e interpretações. (NIKOLAJEVA; SCOTT, 2011, pgs. 32-33)

1.4 ESTEREÓTIPOS NA CRIAÇÃO DE IMAGENS

A natureza dos traços e temas estereotipicamente femininos abordados na arte, ilustração, entre outros, são considerados fúteis ou ingênuos por sua relação com o feminino.

Durante vários séculos, não houve interesse em explorar o tema feminino na literatura. O motivo se dá por conta do domínio masculino que havia sobre esta área (o primeiro homem a escrever sobre a mulher foi Flaubert, com o romance *Madame Bovary*, de 1857). Quando Virginia Woolf escrevia usando a técnica que ficou conhecida como fluxo de consciência, recebeu críticas por ser uma mulher escrevendo sobre a mulher de uma forma que era considerada de qualidade inferior ao que era produzido por escritores homens.

Já no campo da arte, o papel concedido à mulher foi, durante muito tempo, o de musas inspiradoras. Alguns filósofos diziam que a mulher não tinha capacidade de criar, o que foi naturalmente refutado assim que as mulheres começaram a reivindicar seus lugares como pintoras. No Brasil, apenas com Georgina de Albuquerque, em 1922, a atividade deixou de ser um ambiente quase que exclusivamente dominado por homens. Exponente do impressionismo no Brasil,

foi também professora e a primeira diretora da Escola Nacional de Belas Artes.

A preocupação com o reforço de estereótipos é importante por ser uma das ferramentas com as quais é possível refazer o imaginário relacionado aos temas do projeto. Para falar de uma mulher do povo, negra, no nordeste do Brasil, é necessário ter em mente as consequências históricas e sociais que formaram estereótipos e assim, cuidar para não repeti-los.

1.5 O IMAGINÁRIO NA ILUSTRAÇÃO

Um dos principais objetivos deste projeto é promover uma reflexão acerca do imaginário referente ao papel da mulher no país. Para tal, a definição de “imaginário” adotada é a defendida pelo pensador francês Michel Maffesoli:

A cultura, no sentido antropológico dessa palavra, contém uma parte de imaginário. Mas ela não se reduz ao imaginário. É mais ampla. Da mesma forma, agora pensando em termos filosóficos, o imaginário não se reduz à cultura. Tem certa autonomia. Mas, claro, no imaginário entram partes de cultura. A cultura é um conjunto de elementos e de fenômenos passíveis de descrição. O imaginário tem, além disso, algo de imponderável. É o estado de espírito que caracteriza um povo. Não se trata de algo simplesmente racional, socio-

lógico ou psicológico, pois carrega também algo de imponderável, um certo mistério da criação ou da transfiguração. (MAFFESOLI, 2001, p. 75)

Sendo assim, também de acordo com Maffesoli, o imaginário é responsável pelas imagens que são criadas em uma sociedade e não o contrário:

Não é a imagem que produz o imaginário, mas o contrário. A existência de um imaginário determina a existência de conjuntos de imagens. A imagem não é o suporte, mas o resultado. (MAFFESOLI, 2001, p. 76)

Com isso, podemos concluir que para criar imagens onde Maria Felipa seja vista como uma líder, corajosa, bondosa e forte, são necessários esforços para que o imaginário ao redor da personagem não seja de submissão, exploração, escravidão e todos os outros aspectos que produziram imagens repletas de racismo e etilismo. É preciso refazer este imaginário para que se possa produzir uma nova imagem da mulher negra, pescadora e engajada em lutas sociais.

2. PESQUISA DE CAMPO

2.1 POR QUE A BAHIA?

A pesquisa para este projeto começou com busca de histórias incríveis de mulheres brasileiras, com foco nas que são pouco difundidas. Dentre todas elas, foi feito um recorte para se aprofundar na história de três brasileiras que tiveram participação na independência do Brasil na Bahia. Dentre elas, a história de Maria Felipa foi escolhida por ser a que mais necessita de divulgação. O processo de independência na Bahia foi diferente do resto do país, onde impera a falsa crença de que foi um ato pouco violento proclamado por um imperador heroico. A Bahia foi o primeiro lugar onde os portugueses chegaram no território que hoje é o Brasil, durante a época das grandes navegações. Por isso, sua história está interligada à história do próprio país. Possui a maior população negra do país e também a maior do mundo fora da África, chegando a marca de 80%¹.

Sendo a Bahia o lugar onde a história do projeto se passa, foi feita uma visita de campo durante o mês de fevereiro de 2017. Os locais escolhidos para a visita foram:

- Centro Histórico de Salvador (Pelourinho e adjacências);
- Ilha de Itaparica;
- Casa de Maria Felipa;
- Casa de Oxumarê.

Visitar a Bahia era um objetivo que eu possuía há muito tempo, antes de iniciar este projeto. Tanto por ter vindo de família nordestina, como pelo interesse que possuo nas manifestações culturais do local. Naturalmente esses motivos também influenciaram a escolha do próprio tema do projeto.

2.2 CENTRO HISTÓRICO DE SALVADOR

FIG. 1: Igreja e Convento de São Francisco, fundada em 1708, no Largo Cruzeiro de São Francisco, Pelourinho.



¹ O baiano. Disponível em: <<http://www.bahia.com.br/viverbahia/nossa-gente/o-africano/>>. Acesso em: 16/06/2018

Ter visto fotos previamente não prepara emocionalmente para o impacto que é ver o Pelourinho com os próprios olhos. O centro histórico foi a minha casa durante essa semana de pesquisa e o primeiro lugar onde pisei em Salvador, e me senti plenamente à vontade por lá. O Pelourinho tem muitas casas e sobrados do século XIX (a Bahia possui o maior conjunto arquitetônico colonial do país, com cerca de 3 mil imóveis)² e a atmosfera transporta a mente para outra época, para os eventos importantes que aconteceram nesse estado e que são marcantes para a história do Brasil. Porém nem tudo são flores: o processo

² Disponível em: <<https://noticias.bol.uol.com.br/bol-listas/voce-conhece-a-bahia-veja-12-curiosidades-sobre-esse-estado-brasileiro.htm>>. Acesso em: 16/06/2018.

FIG. 2: Rua no Pelourinho. Mulheres vestidas com roupa tradicional baiana cobram para tirar foto com os turistas. É uma prática comum no local, assim como as pessoas que cobram para pintar o corpo com motivos africanos.



histórico pelo qual passamos foi de exploração em vários níveis, e as consequências da miscigenação forçada, da escravidão, entre outros, são muito visíveis. É um estado onde existe muita segregação social e econômica.



FIG. 3: Fachada da Sociedade Protetora dos Desvalidos (fundada em 16 de setembro de 1832) no Largo Cruzeiro de São Francisco.



FIG. 4: Detalhe da fachada da SPD.



FIG. 5: Igreja da Ordem Terceira do Carmo, construída entre 1788 e 1803.

FIG. 6 E 7: Capoeiristas no Pelourinho. Estudo em caneta nanquim.

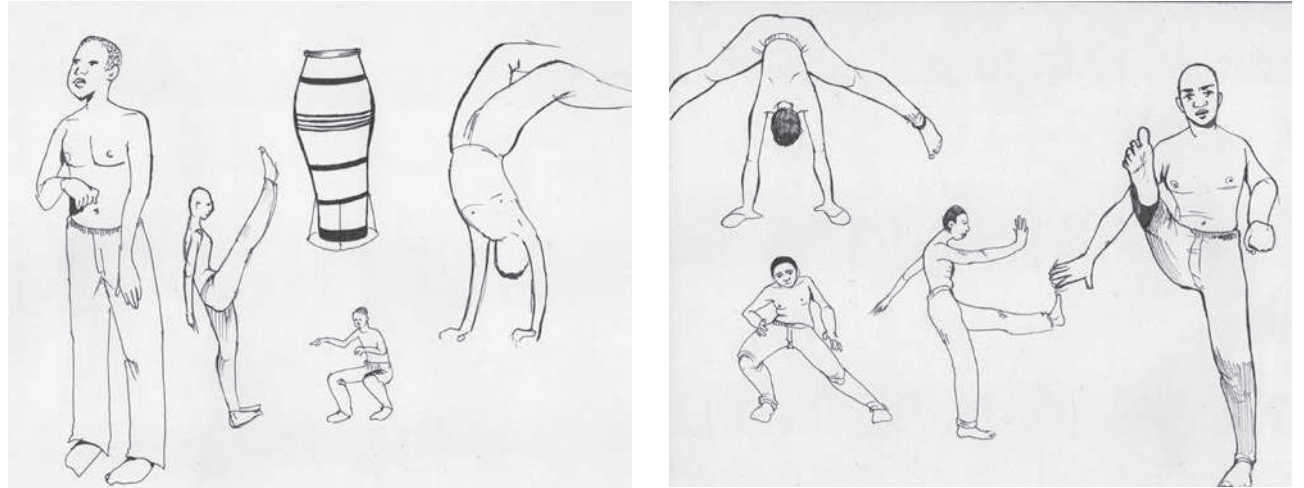


FIG. 8: Fiéis jogando suas oferendas ao mar na festa de Iemanjá no bairro do Rio Vermelho em Salvador, que ocorre anualmente no dia 2 de fevereiro. Estudo em lápis de cor.





FIG. 9: Mulheres vestidas com roupas típicas no Pelourinho. Estudo em grafite, lápis de cor, nanquim e marcadores.



FIG. 10: Igreja da Ordem Terceira do Carmo. Estudo em grafite.

2.3 CASA DE MARIA FELIPA

A casa de Maria Felipa é um espaço criado por Hilda e suas irmãs, localizado na comunidade do Curuzu, em Salvador-BA. Professoras, as irmãs contam que sempre leram muito devido a influência do pai, que era contador de histórias. Em sua família, o mais importante era obter e compartilhar conhecimento; esse sempre foi o valor seguido por todas, chegando inclusive a abrigar uma biblioteca da comunidade antes de se tornar a casa de Maria Felipa.

Na primeira sala, ao entrar na casa, vendem-se produtos criados por elas cuja renda ajuda a manter os custos do espaço. Até hoje, a casa de Maria Felipa não obteve patrocínio ou apoio governamental, então a venda de colares, bolsas e camisas confeccionadas no local fazem este papel. Todos os produtos possuem a identidade africana/baiana e são vendidos também nos eventos e participações que a casa de Maria Felipa realiza em escolas, seminários e outros.

O principal evento é o desfile de 2 de julho, uma passeata na qual a figura principal é a Maria Felipa, e 40 mulheres para simbolizar o grupo que lutou na Independência, e os demais participantes vestem a camisa de Maria Felipa. As roupas são as batas e saias usadas pelas mulheres no século XIX, porém

com vigor contemporâneo: ao invés de brancas e de tecido simples, como eram usadas na época devido à falta de recursos, são valorizadas com tecidos mais bonitos e nobres, jóias ricas, cores e estampas vibrantes; o objetivo é celebrar e reafirmar o brilho e a importância dessa história e a ancestralidade como motivo de orgulho e empoderamento.

Ao entrar na segunda sala à esquerda, temos um breve apanhado da história de Maria Felipa por meio de um texto contando quem foi e seus feitos conhecidos, objetos utilizados em sua época como o ferro de passar e panelas de ferro, bustos de madeira de origem sudanesa feitos por um artista africano; e outros bustos, como os utilizados no desfile de 2 de julho. Também há um quadro feito por um artista local, representando Maria Felipa e as mulheres que liderou. Há também exemplos da indumentária usada no desfile, inspirada em Maria Felipa. Sobre a casa, também existem troféus e prêmios recebidos pelo governo de Salvador e outras associações. Por fim, existem textos sobre as Kandaras, rainhas do Egito e África cuja história é uma inspiração para os negros pelo poder político e social que possuíam e cuja ancestralidade acredita-se que seja responsável pela força interna do povo negro.

As irmãs da casa de Maria Felipa tem opinião firme sobre ancestralidade: principalmente para o povo negro, conhecer suas origens, reverenciar

seus heróis e outros atos no qual se observa a história é imprescindível para o processo de empoderamento enquanto negra e mulher. Essa posição das irmãs também foi vista de forma muito parecida na visita guiada ao terreiro de candomblé Casa de Oxumarê, que descreverei a seguir.

Visitar a Casa de Maria Felipa não foi a prioridade da pesquisa à toa. Devido à escassez de informações sobre a heroína, era necessário consultar pessoas que coletam, organizam e distribuem dados sobre o assunto; e também tirar algumas dúvidas que os livros não poderiam tirar.

A partir dos relatos das professoras e da generosidade em dividir vivências, foi possível ter um entendimento muito melhor da questão da mulher negra. Uma das perguntas que fiz a Hilda, por não ter conseguido achar essa informação até o momento, é se Maria Felipa era escravizada ou liberta. Eu tinha medo da possibilidade de representar o tema da escravidão de forma equivocada, tanto nas imagens elaboradas como no teor do texto. De fato ela não tinha a resposta, mas propôs uma reflexão: não importava se era escrava ou não. A condição de escravidão não impediria Maria Felipa de lutar por seus direitos e sua comunidade. Os africanos escravizados resistiram e se rebelaram em vários momentos, inclusive nas lutas de Itaparica.



FIG. 11: vista da entrada da sala dedicada à Maria Felipa.

FIG. 12: Quadro representando Maria Felipa e as mulheres que liderou. A heroína leva o ramo de cansaço e as outras levam tochas para queimar barcos.





FIG. 13 E 14: Bustos de Maria Felipa.

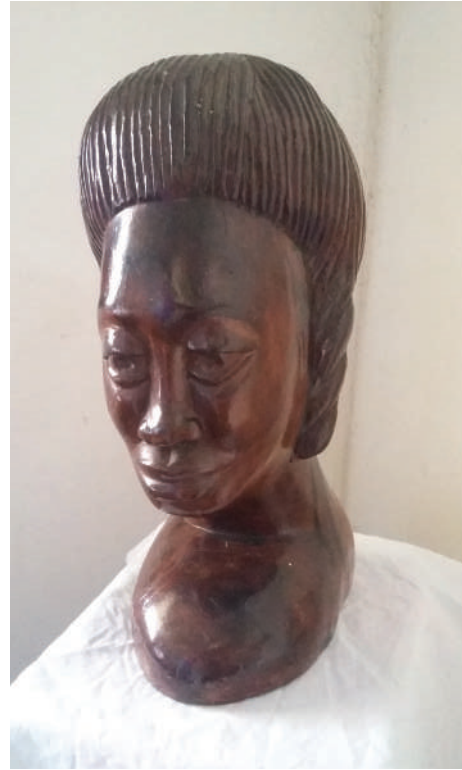


FIG. 15: desfile de 2 de julho no centro histórico de Salvador.
(<https://casademariafelipacuruzu.wordpress.com/2011/07/02/>)



FIG. 16: acessórios confeccionados para o desfile de 2 de julho.

FIG.17: busto em madeira de uma mulher africana oriunda do Sudão, artista desconhecido.



2.4 CASA DE OXUMARÊ

A Casa de Oxumarê foi o terceiro lugar incluído na visita de campo. Foi escolhida por ser um dos terreiros de candomblé mais antigos e tradicionais da Bahia. Sua origem remonta ao início do século XIX e sua história se permeia com a própria história do candomblé no Brasil. Ou seja, quando o candomblé era proibido e precisava ser praticado de forma oculta e sincretizada (como no contexto de Maria Felipa) o terreiro já existia. Em 2004, a Casa de Oxumarê foi registrada como patrimônio material e imaterial do estado da Bahia.



FIG. 18: Pátio de entrada da Casa de Oxumarê. A construção vista à esquerda abriga o salão onde são realizados os ritos.

No local são oferecidas visitas guiadas, e no dia em que me inscrevi para a visita, era dia de oferenda a Xangô. Uma filha de santo da casa leva os visitantes por todas as salas, mostra as casas de cada orixá e o salão onde mantêm os objetos importantes para a Casa e também realizam boa parte de seus ritos. Também conta toda a história do local e dos fundadores.

Durante a oferenda, foi possível fazer alguns rascunhos dos filhos de santo trabalhando no local, com o intuito de ver e traduzir visualmente as posturas e movimentos do candomblé, e utilizar esses estudos na construção da personagem.

FIG. 19: salão de ritos decorado em homenagem a Oxumarê. (<http://www.casadeoxumare.com.br/index.php/2015-07-12-20-45-13>)



FIG. 20 E 21: Filhas de santo durante a oferenda a Xangô. Estudo em grafite.



2.5 ILHA DE ITAPARICA

A Ilha de Itaparica fica a 45 minutos de Salvador pela balsa. É dividida em dois municípios: Vera Cruz e Itaparica. O objetivo de ir até a ilha era conhecer o local onde Maria Felipa viveu e lutou. O roteiro da visita foi baseado nos lugares onde as batalhas ocorreram. Forte de São Lourenço, Ponta das Baleias e o Centro Histórico foram visitados. Outros lugares que não estavam previstos, como Fonte da Bica, foram sugeridos e também incluídos na visita.

São naturais da ilha dois escritores que dividem, além da cidade natal, o sangue: Ubaldo Osório e João Ubaldo Ribeiro, respectivamente avô e neto. O coronel e historiador Ubaldo Osório é autor do livro *A ilha de Itaparica: História e tradição* (1979), onde narra os acontecimentos da guerra da independência na Bahia em “uma mistura orgulhosa de eventos factuais, relatos orais e exageros ufanistas”³ (BATISTA, 2017, p. 448). Neste livro, Maria Felipa é citada e se abre o precedente para sua história ser conhecida. João Ubaldo Ribeiro foi escritor, jornalista e membro da ABL (Academia Brasileira de Letras). No seu livro *Viva o povo brasileiro* (1984), um romance histórico, retrata

3 BATISTA, Rodrigo de Vasconcellos Maciel Guedes. Crítica à reprodução moderna do atraso em “Adeus, Itaparica”, de João Ubaldo Ribeiro. *RevLet – Revista Virtual de Letras*, v. 09, nº 01, p. 440 - 457, jan/jul, 2017

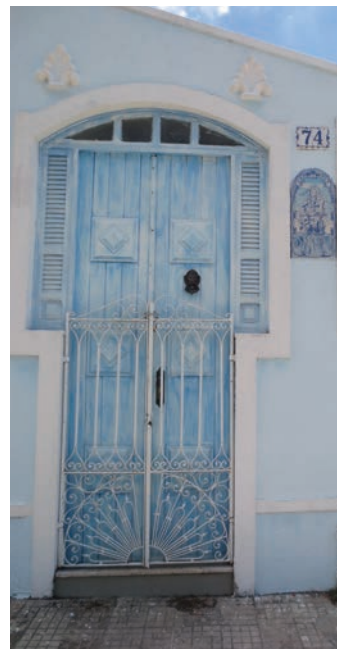


FIG. 22 E 23: Detalhes de casas no centro histórico de Itaparica.



FIG. 24 E 25: Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento, no centro de Itaparica.

400 anos da história do país sob a visão dos oprimidos. Boa parte do livro é ambientado na ilha de Itaparica e acredita-se que a personagem Maria da Fé tenha sido inspirada em Maria Felipa.

FIG. 26: Bar próximo a Praia do Forte, que conta com a pintura de Maria Felipa na parede.



FIG. 27: Praia em frente à Avenida Vinte e Cinco de Outubro, com grande atividade de pescadores.



FIG. 28: Fonte da Bica.



FIG. 29: Detalhe da pintura no azulejo da Fonte da Bica com texto de Ubaldo Usório.

3. O PROJETO

3.1 ADAPTAÇÃO DA NARRATIVA

O Manual do Roteiro é um importante livro sobre a escrita principalmente de roteiros cinematográficos e para TV, mas as estruturas narrativas mostradas no livro também servem para textos literários e teatrais.

Nos capítulos 1 e 2, são detalhados os processos da pesquisa teórica e da pesquisa de campo. As pesquisas são essenciais para a construção do texto, pois lançando mão da coleta de informações, é possível fazer escolhas acertadas e responsáveis sobre o que de fato vai entrar no texto ou não (FIELD, 2001). Sendo assim, esta etapa do projeto utiliza o livro “Manual do Roteiro”, de Syd Field, como base para a construção do texto final. Sobre a importância da pesquisa, o autor diz:

Pesquisas lhe dão idéias, sensibilidade para as pessoas, situações e locais. Permitem que você adquira um grau de confiança, de maneira que fique sempre no controle de seu assunto, operando por escolha, não por necessidade ou ignorância. (FIELD, 2001, p. 24)

No capítulo “Assunto”, Field explica que “ação é o que acontece; personagem, a quem acontece” (FIELD, 2001, p. 20) e orienta articular o assunto em poucas frases, em termos de ação e personagem. Aplicando ao projeto, temos:

Maria Felipa, pescadora, marisqueira, ganhadeira e capoeirista natural da ilha de Itaparica, lidera um grupo de 40 mulheres durante as guerras pela in-

dependência do Brasil na Bahia, criando estratégias de batalha, lutando corpo a corpo e auxiliando na expulsão dos portugueses de Itaparica.

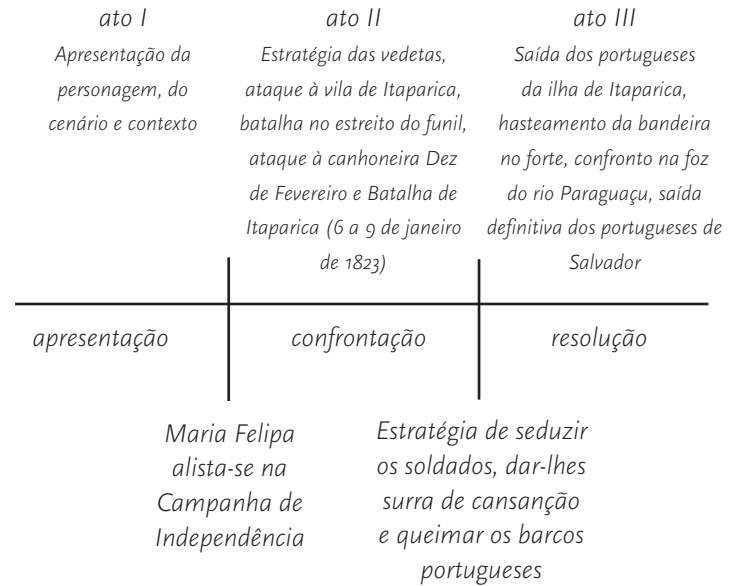
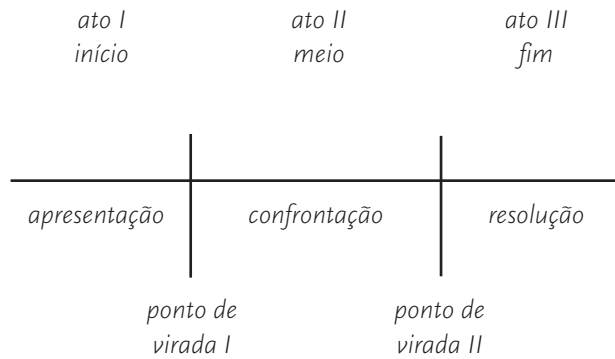
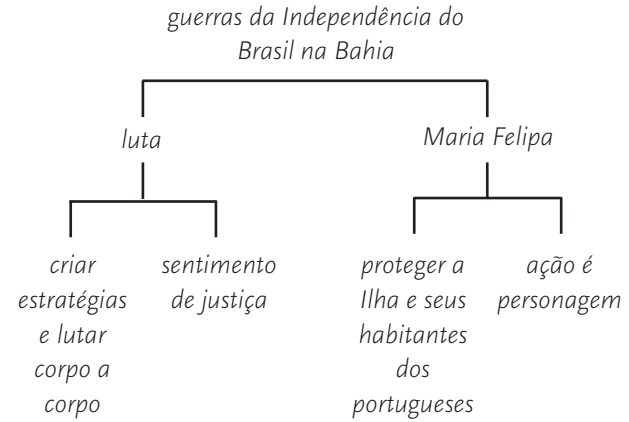
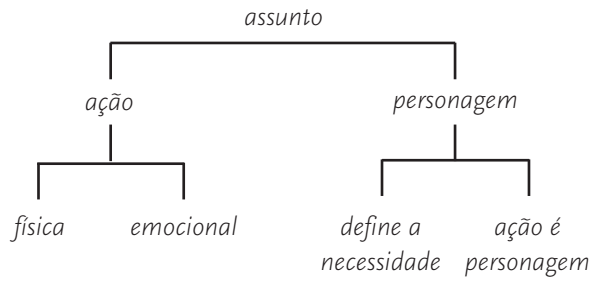
O maior desafio para redigir o texto do projeto foi transformar uma pesquisa histórica em um texto narrativo, sem algum precedente para se usar como apoio. Dos principais livros utilizados na pesquisa: o livro de Eny Kleide é um texto acadêmico; o livro de Xavier Marques apenas cita Maria Felipa e sua narrativa, embora se passe na mesma época, possui outro foco e não contempla os acontecimentos que precisavam ser narrados. Já o livro de Jarid Arraes, que conta com um capítulo sobre Maria Felipa, é escrito na forma de um cordel. O texto deste, apesar de literário e de muita ajuda para a construção do texto do projeto, não se encontrava estruturado em forma de prosa.

A primeira etapa, então, foi dividir a pesquisa em tópicos. Quais acontecimentos precisam constar? Qual a ordem correta? Então, prosseguiu-se um trabalho de curadoria e edição para selecionar fatos da própria história da independência na Bahia, para contextualizar, e fatos importantes da vida de Maria Felipa e suas ações junto à comunidade de Itaparica no cotidiano e nas batalhas. A seleção de tópicos foi criada de forma preliminar, para sofrer alterações futuras na construção do texto final. A seleção encontra-se a seguir:

- Criada a campanha de independência pelo cirurgião Luiz Gonzaga da Luz, promovido mais tarde a sargento pela coragem das suas ações. Maria Felipa alistou-se na campanha.
- A botica de Francisco José Batista Massa, no Largo da Glória, na Ponta das Baleias, hoje centro histórico do atual município de Itaparica, promovia encontros para discutir sobre a monarquia absolutista portuguesa na Bahia. Traidores portugueses frequentavam o lugar e levavam informações para Madeira de Melo (governador da Bahia).
- Vedetas, sentinelas ou vigias, que dia e noite vigiavam barcos próximos ou que vinham ao longe. Maria Felipa era líder. Observava as praias, matas, os caminhos e subia em outeiros, levando tochas acesas para identificar portugueses que desciam dos barcos para saquear.
- Assassinato da sóror Joana Angélica, em 10 de fevereiro de 1822, torna-a conhecida como “mártir da independência” e fomenta as lutas.
- O grupo de mulheres liderado por Maria Felipa estava sempre em conflito com portugueses, com divergências e lutas corpo-a-corpo.
- Maria Felipa auxiliava na pesca das baleias junto com suas companheiras.
- A batalha das mulheres contra os soldados de Madeira de Melo, do qual participou com Maria Quitéria na foz do rio Paraguaçu. “Combateram com água até os seios” contra uma barca lusa que pretendia desembarcar.

- Ataques aos insulanos na madrugada de 10 de julho de 1822. Trabalhou cuidando dos enfermos.
- A botica é destruída e algumas casas invadidas no primeiro ataque português, sob o comando de Joaquim José, o “Trinta diabos”. Entraram na fortaleza de São Lourenço e mataram a sentinela. Roubaram e quebraram objetos sagrados na Igreja de São Lourenço. As mulheres suplicaram respeito aos objetos sagrados. Desesperados, os moradores fugiram para as matas.
- João Português morava em uma casa defronte a uma vivenda, onde os pescadores se reuniam. Segundo os pescadores, levava notícias para Madeira de Melo. Foram promovidas retaliações.
- Seguiram para Cachoeira em fuga e ao retornar travaram a Batalha no Estreito do Funil, que venceram e causou entusiasmo. Levantaram proteções e trincheiras e fortificaram as costas da ilha.
- Incendiam a canhoneira Dez de Fevereiro, retirando-se as demais embarcações. Em 12/10/1822, o príncipe regente foi aclamado na Ponta das Baleias, como o “defensor perpétuo do Brasil, sua Alteza, Príncipe D. Pedro”. À noite, o povoado festejou com luzes acesas em todas as casas, acenderam tochas e fizeram fogueiras nas praias.

Em seguida, foi aplicado o método de construção de roteiro ensinado por Syd Field. A seguir estão os esquemas como constam originalmente no livro e, ao lado, os esquemas adaptados para o projeto.



3.2 TEXTO

Com a base montada e os tópicos revisados, foi possível elaborar o texto do livro. A seguir consta na íntegra a versão final do texto produzido:

ERA UMA TARDE QUENTE NA ILHA DE ITAPARICA, localizada no coração da Baía de Todos os Santos, cercada por um mar de águas tranquilas e por lindos recifes de corais em toda a sua extensão. Daí vinha o seu nome em tupi, que significa “cerca de pedra”. Nas praias e matas a variedade era imensa, com coqueiros gigantes, bananeiras, limoais, cajueiros, mangueiras e o doce perfume de frutas, flores e ervas. Os mangues da ilha fervilhavam com vida: mariscos, ostras, sernambis, aratus e caranguejos em profusão. Diversos outeiros tornavam a ilha praticamente um forte, de onde se podia observar o navegar dos barcos pelo mar.

Nascida na rua da Gameleira, Maria Felipa morou durante algum tempo na Beribeira e agora morava no Arraial da Ponta das Baleias, em um casarão chamado de “Convento”, onde alugava um quarto. Localizado na Vila de Itaparica, o Convento era uma residência de trabalhadores, onde se alojavam pescadores, carpinteiros, ferreiros, dentre outros. Juntos formavam uma comunidade, onde ninguém tinha nada seu e muito menos onde cair morto, mas tinham uns aos outros.

Maria Felipa retirou a rede e agradeceu a lemanjá por ter lhe permitido entrar em sua casa e garantir o seu sustento. O trabalho só havia começado: agora era preciso colocar toda a pesca do dia em um barco para abastecer o Recôncavo. Conhecia a ilha como a palma da sua mão. Os melhores lugares para pesca, onde melhor se esconder, onde atacar. Tudo isso era de muita utilidade para criar estratégias contra os portugueses, e a tornava uma liderança importante na comunidade. O respeito que possuía vinha da sua coragem e da sua capacidade, e também por ser solidária e cuidadosa. Não abandonava ninguém em luta, estava sempre atenta às necessidades de todos e não tinha medo de defender a ilha e as pessoas que tanto amava.

Sua figura era impactante: alta, corpulenta, energética. Costumava usar batas bordadas na cor branca, saias rodadas, turbante, torço e chinelas. Quando necessário, amarrava a saia nas pernas e lutava com golpes de capoeira. Era comum vê-la com os cabelos revoltos, a camisa descaída e as costas lavadas de suor agitando-se à frente da turba. Junto com as suas companheiras, aproveitava-se dessas vestes para esconder armas, principalmente as peixeiras que utilizavam em seu trabalho. Folhas de espinhos também eram ocultadas junto à flores e outras folhas comuns, fazendo com que parecessem estar apenas enfeitadas. Ela tinha a fé

dos seus antepassados, a fé do candomblé dos orixás, dos caboclos escondidos nas matas. Uma fé injustiçada, que não se podia declarar em público, praticada clandestinamente.

Apesar de todas as suas belezas, a ilha, no momento, não era um paraíso para se viver. As notícias vindo de Salvador não eram boas: a coroa portuguesa, em uma atitude autoritária, ordenou ao tenente-coronel português Inácio Luis Madeira de Melo que ocupasse o cargo de Governador das Armas da Bahia, passando por cima do atual ocupante do cargo, Manuel Pedro de Freitas, que não aceitou transmitir o cargo sem ser notificado formalmente pelo governo. O governo português propôs um acordo, que também não foi aceito, e as tropas de Madeira de Melo iniciaram um confronto em Salvador. Manuel Pedro de Freitas acabou preso e aproximadamente 300 pessoas morreram, entre elas a Abadessa Sórora Joana Angélica, que tentara impedir a entrada dos soldados portugueses no Convento da Lapa.

A morte violenta da Sórora, abatida com um tiro de baioneta, causou comoção na cidade de Salvador, que logo se espalhou pelo Recôncavo. Era revoltante a tirania dos soldados portugueses culminar no arrombamento de um convento e assassinato de uma religiosa. Ao tomarem conhecimento da notícia, Maria Felipa e suas companheiras se en-

contraram em estado de tristeza, e a vontade de justiça inflamou-se na ilha de Itaparica.

Maria Felipa, então, alistou-se como voluntária na Campanha de Independência, que vinha organizando a resistência na ilha. E passou a conciliar a luta contra os portugueses com o seu trabalho de marisqueira, pescadora - participando da pesca de baleias - e ganhadeira durante as tardes de verão, vendendo quitutes.

E as mulheres ganhadeiras se uniam e se apoiavam, pois pelos outros eram só toleradas; juntas eram responsáveis por alimentação em tempos de escassez e muitos outros serviços, e faziam o que podiam para ir cada vez mais longe do lugar social destinado à elas. E juntas cantavam, chamando os fregueses.

Naqueles tempos de conflito, muitos barcos inimigos navegavam pelo Recôncavo. Para monitorar esses barcos, Maria Felipa e suas companheiras formaram um grupo chamado de Vedetas. A função delas era de sentinela: noite e dia patrulhavam as matas, os manguezais, as praias e todos os caminhos da ilha, inclusive subindo em outeiros como o do Balaústre e o da Josefa, mais próximos aos campos de guerra. Levando tochas acesas feitas de palha de coco e chumbo, identificavam portugueses que desciam dos barcos à noite para

saquear a vila (interceptando principalmente alimentos) e também para lutar. Maria Felipa liderava este grupo e também se encarregava de repassar informações sobre a guerra para companheiros de luta em Salvador, a bordo de uma jangada.

Os brasileiros viviam em estado de alerta, temendo que os portugueses se reunissem para atacar. Além da vigilância da vedetas, haviam os que dormiam em barcos ancorados distantes das praias. Diariamente, informações sobre os planos dos portugueses eram trazidas.

Na madrugada de 10 de julho de 1822, a vila foi atacada. A povoação ficou toda erma, e regada de sangue; as brenhas orvalhadas de lágrimas e cobertas de ais e gemidos; todos desvairadamente buscaram fugir ao desmedido furor dos inimigos. Maria Felipa e suas companheiras cuidaram dos feridos. O objetivo deste ataque era tomar a Ilha, ou naquele mesmo dia, ou em outras batalhas, pois chegara aos ouvidos de Madeira de Melo que havia uma resistência insulana organizada.

Devido ao ataque, os insulanos seguiram até Cachoeira, mas retornaram no dia 13 de agosto. Não contavam que no caminho iriam travar mais uma batalha no Estreito do Funil, da qual saíram vitoriosos. Entusiasmados com a reconquista da Ilha, prometeram mantê-la em seu poder, custe o

que custar. Para isso levantaram proteções e trincheiras por todo o litoral.

Porém, um mês depois, foi solicitado o retorno dos combatentes de Itaparica à Cachoeira por parte de uma Junta da Independência, prontamente negado. “A Ilha é nossa e daqui não há quem nos obrigue a sair”, foi a resposta.

Então, um tempo depois, uma canhoneira inimiga chegou à ilha.

A canhoneira Dez de Fevereiro se aproximou da praia de Manguinhos. Contava com 180 marinheiros e 26 peças. Com o apoio da trincheira construída nesta praia, os insulanos atacaram. Logo pela manhã, com o raiar do sol, um vivo e inesperado fogo tomou conta da canhoneira e forçou as demais embarcações inimigas a bater em retirada, deixando a bacia do Recôncavo livre. À noite, D. Pedro I foi aclamado na Ponta das Baleias como príncipe regente e o povoado festejou com tochas acesas e fogueiras nas praias.

Madeira de Melo reagiu ao festejo e enviou uma verdadeira ofensiva à ilha, composta de várias embarcações. O confronto marítimo durou metade de um dia, até que os insulanos devastaram a barca Constituição. Maria Felipa se destacou durante esta batalha junto à suas companheiras de luta,

pois sua coragem foi admirada por todos como a de uma grande guerreira, assistida pela força e senso de justiça de Xangô. As batalhas marítimas prosseguiram contra os portugueses e a cada uma delas, as defesas da ilha eram reforçadas.

Enquanto isso em Salvador, um cerco era formado. O alimento era escasso, pois todas as rotas que os traziam estavam bloqueadas. Os portugueses entenderam o erro de não terem direcionado esforços para dominar Itaparica o quanto antes. Além de rota dos alimentos, Itaparica passou a ser a principal rota das comunicações entre os batalhões patrióticos e D. Pedro I.

Sem saída, no dia 6 de janeiro de 1823, a esquadra de Madeira de Melo saiu de Salvador em direção à Itaparica. As embarcações estavam em pontos diversos da ilha: as de guerra em Manguinhos e uma barca grande circulava pelo mar vigiando a ilha. Os insulanos fizeram o mesmo, e as Vedetas observaram vários pontos da ilha e contaram cerca de 40 embarcações. Então, ficaram de tocaia, armados, enquanto os barcos lusitanos avançavam cada vez mais.

Maria Felipa reuniu seu grupo, que também eram chamadas de mulheres guerreiras, para criar novas estratégias de batalha. Com tantos barcos, como se aproximar do inimigo? Na beira de um

rio, morada de Oxum, veio a solução: o uso de uma estratégia diferente, com armas não convencionais. Tal como Oxum, as armas do grupo seriam astúcia e sedução. E também folhas de cansaço, bebidas e tochas improvisadas.

As folhas de cansaço eram as folhas de espinho que utilizavam presas à saia, disfarçadas no meio de flores e folhas comuns. Eram uma espécie de urtiga muito perigosa: em contato com a pele causavam queimaduras fortes.

Os portugueses estavam atacando as praias e, quando o grupo de 40 mulheres lideradas por Maria Felipa se aproximou, eles não viram ameaça, pois não conheciam o perigo das folhas. As mulheres, supostamente apenas enfeitadas, ofereceram bebida aos soldados e os seduziram para, então, surrá-los com os galhos de cansaço.

Pegos de surpresa, não imaginavam que elas também possuíam as tochas feitas de palha de coco, pólvora e chumbo, que foram jogadas por elas nos barcos, incendiando-os.

Essa estratégia criada por Maria Felipa deixou a Ponta das Baleias em fogo vivo e pela manhã o litoral estava ainda coberto de fumaça. A luta continuou e, ferozmente, Maria Felipa lutou na praia do Convento com suas companheiras até

que os soldados lusitanos deixaram Itaparica em 9 de janeiro.

Enfim, paz? Não exatamente. O cerco ainda acontecia em Salvador e os conflitos continuavam fora da ilha. Mas, devido a bravura dos combatentes insulanos, o Forte de São Lourenço em Itaparica recebeu sua primeira bandeira brasileira para ser hasteada no Largo e uma proclamação elogiosa das mãos de Labatut, que comandava as tropas brasileiras. A ocasião de festa não impediu Maria Felipa de ir atrás de um português rico que queria assaltar a vila. Surrou-o, enquanto ela e suas companheiras bradavam: “Havemos de comer marotos com pão!”

Em abril, enquanto Maria Felipa e suas companheiras estavam se preparando para ir ao Recôncavo, receberam a notícia de que barcas portuguesas pretendiam desembarcar na foz do rio Paraguaçu. Ao chegar, já haviam outras mulheres combatendo com água até a altura dos seios e uma figura se destacava entre todas.

Era uma pessoa de cabelos curtos, armada e vestida como um soldado. Após conseguirem expulsar com sucesso os portugueses da foz, Maria Felipa foi ter com aquela curiosa figura e descobriu que se tratava de Maria Quitéria, integrante do Batalhão dos Periquitos. Ela havia fugido de casa para

se alistar como voluntária, fingindo-se de homem utilizando as roupas e o sobrenome do cunhado. Foi descoberta, mas continuou no batalhão. Possuía um ótimo manejo das armas e imensa coragem e disciplina.

Após os conflitos na ilha cessarem, as tropas de Madeira de Melo, já bastante reduzidas, não resistiram muito tempo. O cerco havia se acirrado ainda mais. A cidade de Salvador estava completamente isolada e já não havia como continuar com os planos da coroa portuguesa. Madeira de Melo propôs um acordo de cessar fogo, que só seria aceito após a capitulação, sem direito a acordo. Dessa forma, as tropas portuguesas abandonaram definitivamente Salvador em 2 de julho de 1823.

3.3 CRIAÇÃO DE PERSONAGEM

A etapa de criação de personagem teve foco apenas em Maria Felipa, já que os outros personagens que aparecem no livro tem pouco destaque. Na busca de inspirações, foram feitas pesquisas e leituras, que geraram moodboards. Desses, foram selecionadas como inspiração pessoas reais como **Chimamanda Ngozi Adichie** e **Angela Davis** (da esquerda pra direita, abaixo).



Outro moodboard foi voltado para referências de ilustração, buscando formas de se trabalhar o personagem, cores e estilo. Criadas pelo ilustrador brasileiro **Willian Santiago** e pela ilustradora francesa **Céleste Wallaert** (da esq. para a dir.), as duas ilustrações a seguir chamaram a atenção pela maneira como solucionam a forma por meio de áreas simples com cores chapadas e sobreposições de estampas e texturas.



Além disso, como falado anteriormente, Maria Felipa seria de origem sudanesa. Pensando nisso, foi feito um moodboard com mulheres sudanesas, a fim de compreender seus traços físicos e culturais para auxiliar na criação da personagem. Esta etapa foi importante porque no continente africanos há diversos etnias e culturas diferentes, sendo um erro generalizá-las.



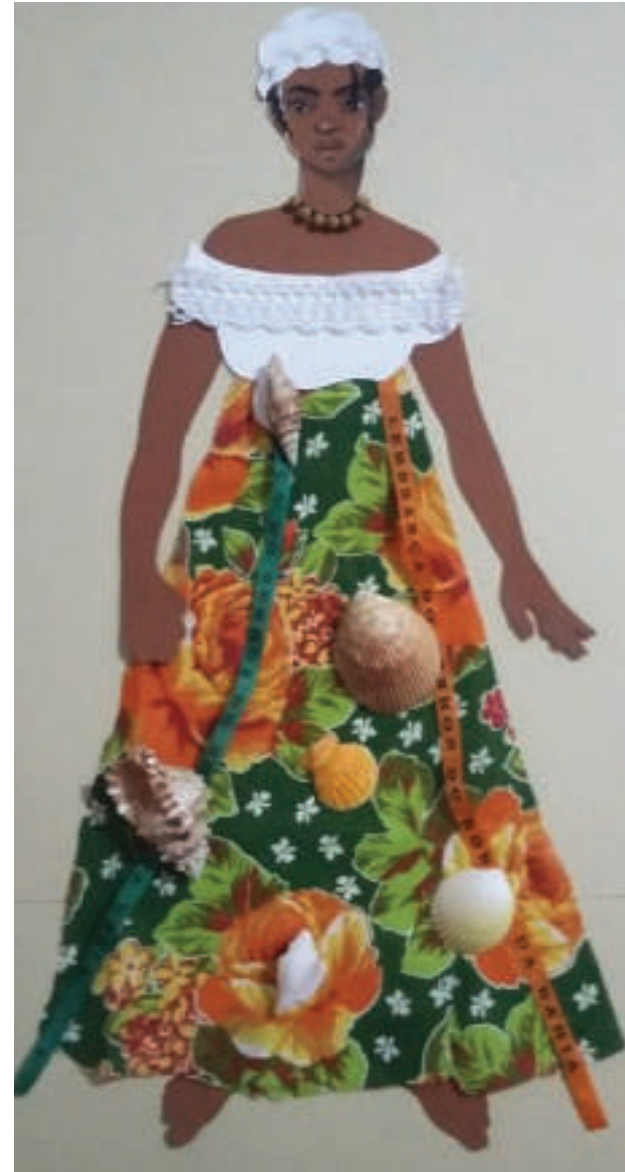
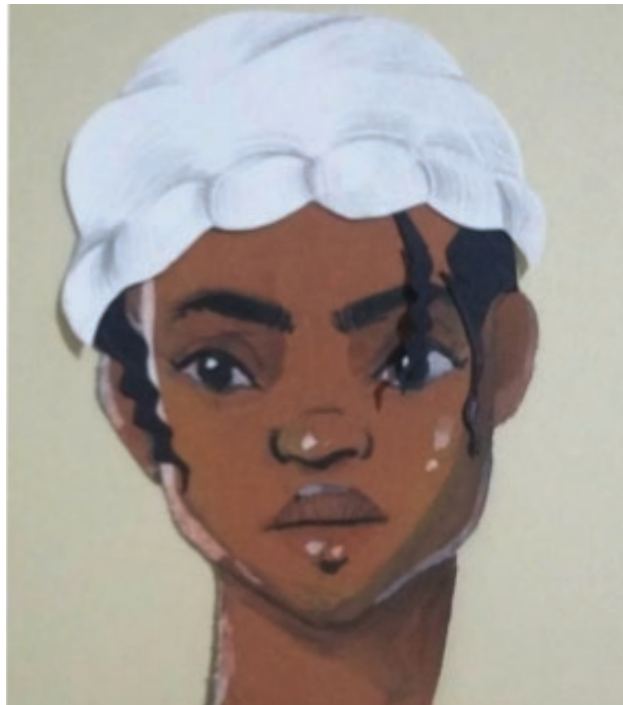
Paralelamente aos moodboards, foram feitos os rascunhos preliminares da personagem, ainda de maneira livre:



Então, começaram a ser feitos estudos da personagem que contemplassem ao mesmo tempo a busca pela técnica a ser usada para finalizar as ilustrações do livro. O objetivo era encontrar uma técnica que ajudasse a dar o tom da história e que fosse criativa.

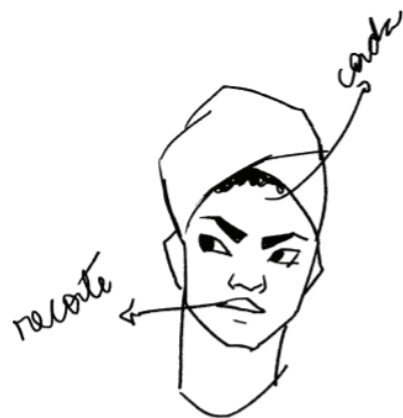
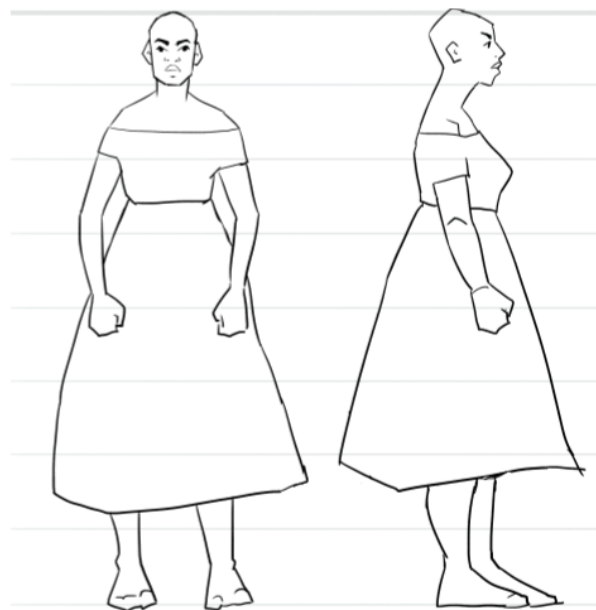


O teste anterior com recorte e colagem deu origem ao teste desta página onde, além de recortes de papel, renda e tecido, são utilizados objetos como miçangas, conchas e **fitas do Senhor do Bonfim típicas da Bahia**. O tecido usado, a **chita**, também é um tecido bem comum no Nordeste e ligado à cultura desta região. O resultado desse teste, portanto, foi o ponto de partida para que o desenvolvimento visual da personagem e das ilustrações fosse decidido.



Então prosseguiu-se o desenvolvimento da personagem focando em suas características faciais e corporais. A principal mudança foi a simplificação das formas – diminuição de detalhes, linhas e sombras – para obter um resultado visualmente mais forte e agudo, e um olhar mais determinado. Os trajes de Maria Felipa são sempre uma bata, uma saia longa e ocasionalmente acessórios como turbante, colares, brincos e pulseiras. Seus cabelos são crespos e volumosos e sua pele é negra de tom escuro; é corpulenta, para indicar que se trata de uma trabalhadora e guerreira.

Tendo decidido essas características, foi feito um teste final (página seguinte) inserindo Maria Felipa em um cenário que serviria de modelo visual para a confecção dos próximos.





3.4 ESPELHO/STORYBOARD

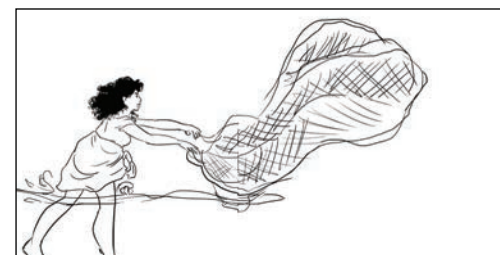
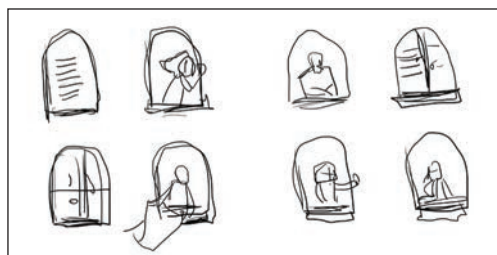
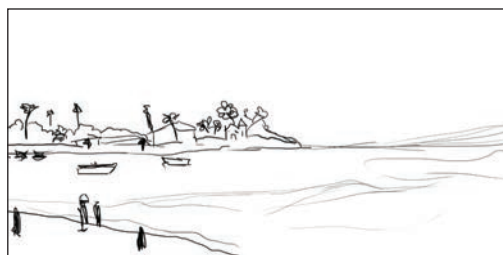
O processo de organizar a publicação dividiu-se em duas etapas. A primeira é o espelho, um esquema para organizar o conteúdo e a ordem em que deverá entrar no livro. A segunda é o storyboard, essencial para o planejamento das ilustrações. No caso do projeto, foi possível mesclar as duas etapas em um resultado final, porém mantendo a ordem de começar pelo espelho.

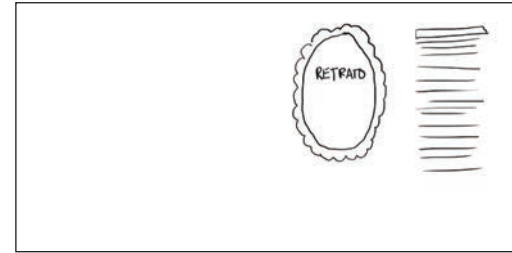
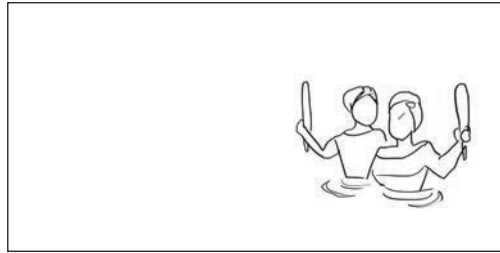
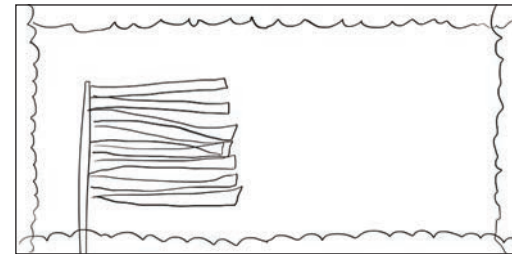
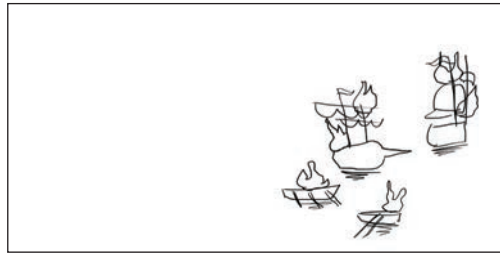
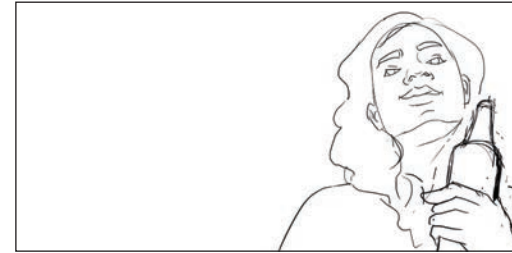
O storyboard nada mais é do que a versão em desenhos do roteiro de um filme. Contém todo o seu conceito visual (...).

São estes desenhos em sequência que transportam as ideias do abstrato para o real.¹

Como a definição anterior mostra, o processo de storyboard é comum em várias indústrias, como a cinematográfica, animação e também a editorial. Abaixo constam todas as páginas duplas da publicação e, em cada uma delas, o rascunho da ilustração planejada.

¹ Storyboard, o quadro a quadro da história. Disponível em: <<http://www.animamundi.com.br/pt/storyboard-o-quadro-a-quadro-da-historia/>>. Acesso em: 20/12/2018





colofão

3.5 DESENVOLVIMENTO DAS ILUSTRAÇÕES

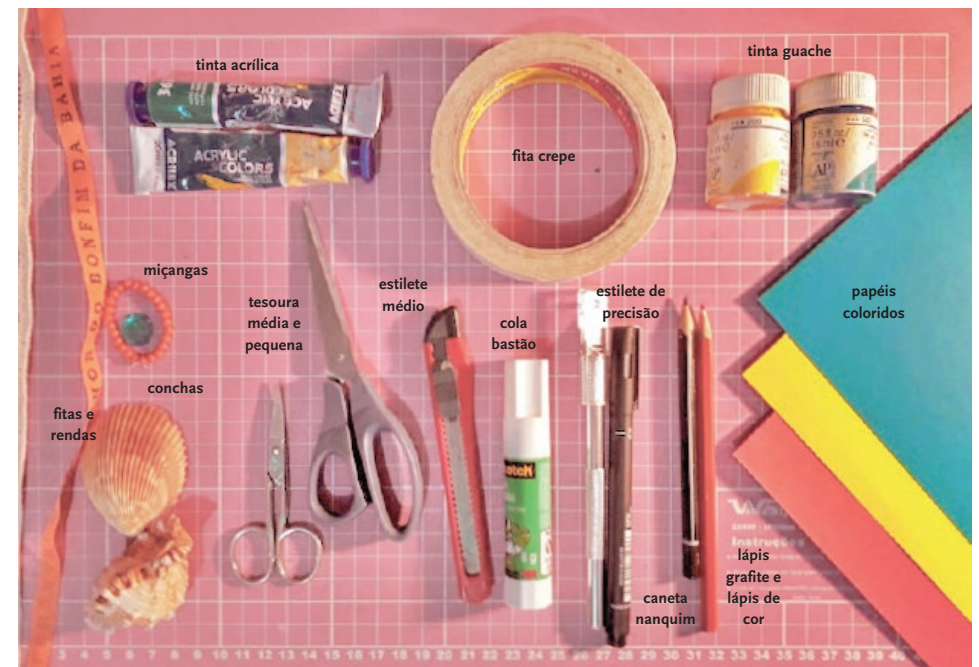
Com base no storyboard gerado, chegou-se a um número de 14 ilustrações em página dupla a serem desenvolvidas. Foi feito um moodboard (abaixo) para pesquisar referências ligadas à técnica escolhida durante o processo de criação de personagem. Entre as inspirações estão a renda manual feita no Nordeste, ilustrações com recorte de papel sugerindo profundidade, artesanato de garrafinhas com ilustração feita de areia colorida e ilustração com objetos variados, como folhas, miçangas, bijuterias.

A técnica mista, como o próprio nome indica, é a combinação de técnicas. Na virada do século XXI



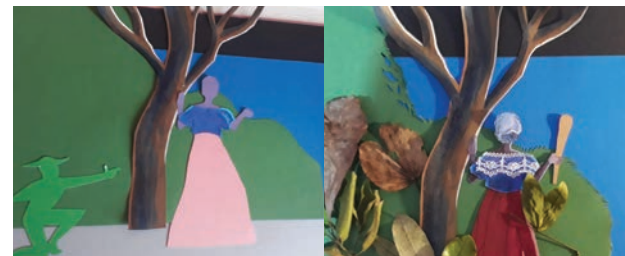
revela-se de grande importância e, a partir de então, várias imagens apresentam uma combinação de pintura, desenho e colagem. Trata-se de um fenômeno recente, que constitui uma das técnicas contemporâneas mais utilizadas. (LINDEN, 2011, p. 37)

Tratando-se de um projeto que se propõe a contar fatos históricos com uma linguagem visual contemporânea, a técnica mista mostrou-se uma ótima opção. Com ela foi possível trabalhar as ilustrações com objetos ligados a própria narrativa e chegar a uma estética mais inovadora.





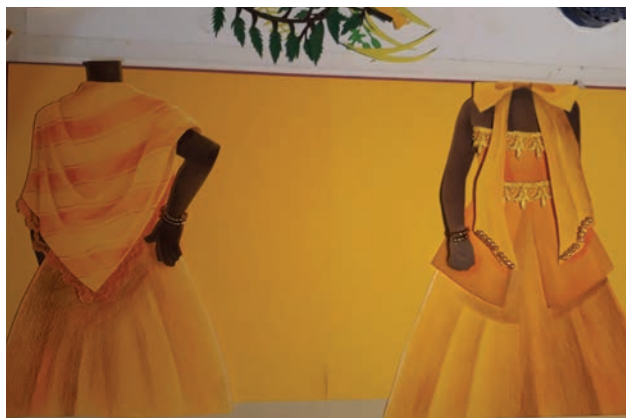
Processo de ilustração das vedetas Foi feita uma composição com recortes de papel e folhas de árvores. Posteriormente, a composição sofreu ajustes e perda de detalhamento da pintura.



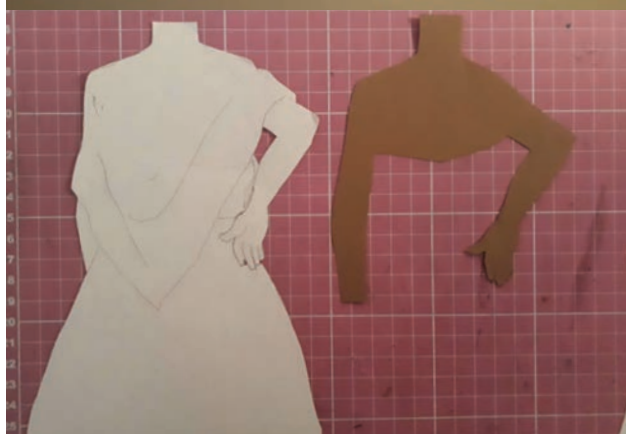
Processo de criação da capa do livro Foram usados recortes de papel e recurso de vincagem para o efeito tridimensional; pintura com tinta guache e nanquim. Abaixo, detalhe de ilustração feita com recortes e tinta acrílica.



Processo da ilustração das ganhadeiras Foram criados colares com linha e miçangas variadas; as saias são feitas de chita, as blusas de renda e recorte de papel. A cesta na mão de Maria Felipa foi texturizada com um estilete.



Para esta ilustração, também foram usadas rendas e miçangas no tom da paleta de cores, inspirada em Oxum. Abaixo, o molde de papel em branco. Com base nele, o corpo da personagem em papel marrom. A saia e tecido também foram feitos com base no molde, em papel amarelo.



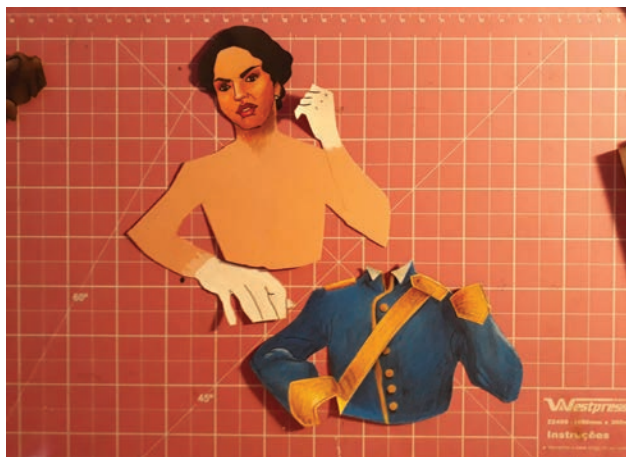
As linhas de miçangas e as rendas, nesta ilustração, formaram as contas da coroa inspirada na indumentária de Oxum no candomblé. Na garrafa, foi usado papel vegetal vermelho para a transparência do material de vidro.

Processo da ilustração do incêndio dos barcos

A primeira foto mostra o design inicial da personagem e o molde do machado de Xangô, ainda buscando a composição. Ao lado, o molde do design final de Maria Felipa, remodelado para melhor silhueta e empu-

nho do machado, seguido dos recortes originados do molde. Abaixo, o machado já com a aplicação de fitas, miçangas e búzio e a personagem finalizada com sombreado, linhas em nanquim e rendas.

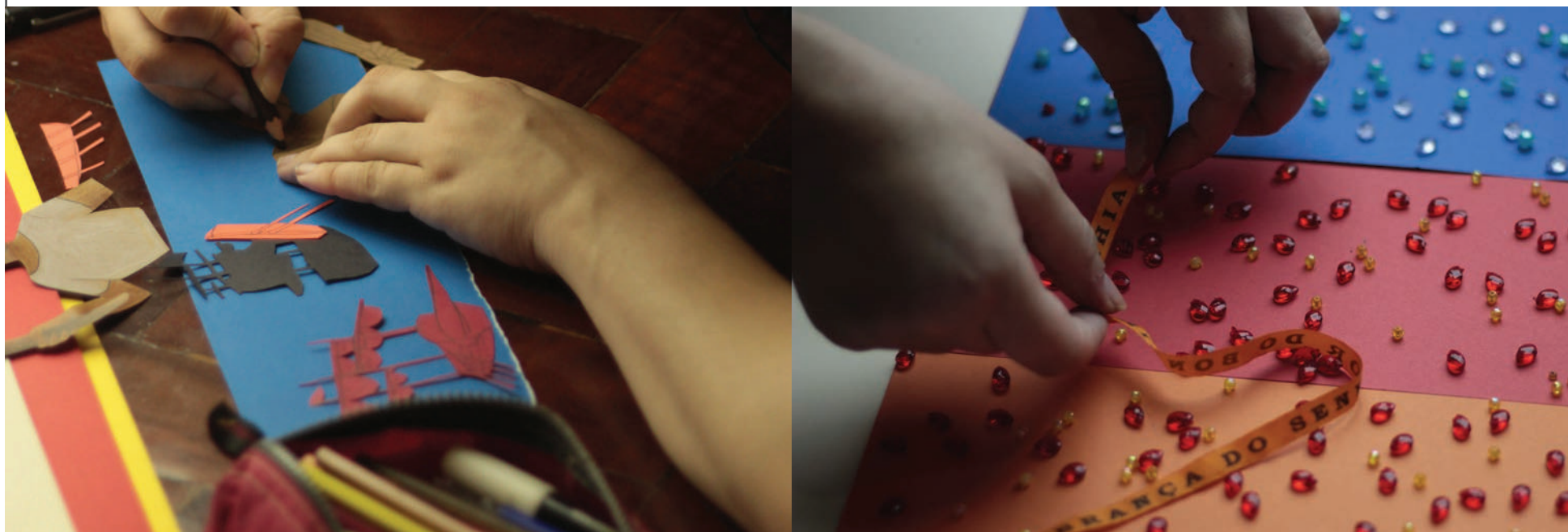




Processo da ilustração de Maria Quitéria e Maria Felipa na batalha do Paraguai A sequência de imagens acima mostra os recortes de Maria Quitéria, com as peças separadas. Ao lado, Maria Quitéria e Maria Felipa com as peças coladas e sombreadas.

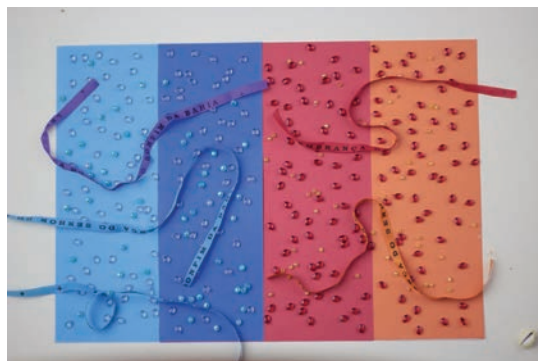
Processo da montagem das guardas do livro Com papéis coloridos, miçangas e fitas do senhor do Bonfim, o design da guarda foi criado com base na água e no fogo, elementos dominados por Maria Felipa durante a história.

Os detalhes dos barcos sendo feitos com caneta nanquim e lápis de cor sobre os recortes de papel.



3.6 DIAGRAMAÇÃO E ARTE-FINAL

Devido a impossibilidade de se capturar detalhes tridimensionais pelo scanner, as ilustrações foram fotografadas para serem posteriormente tratadas em software de edição de imagem. Abaixo segue o exemplo da ilustração da guarda fotografada em estúdio, composta inteiramente de elementos tridimensionais:



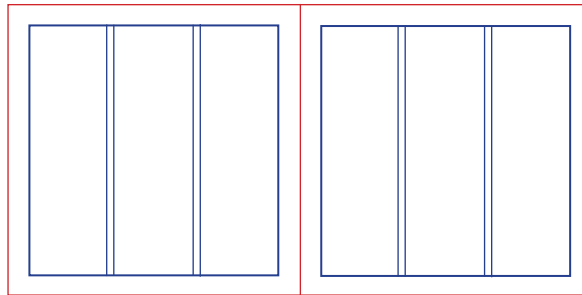
Após os ajustes necessários, este foi o resultado da fotografia aplicada à guarda:



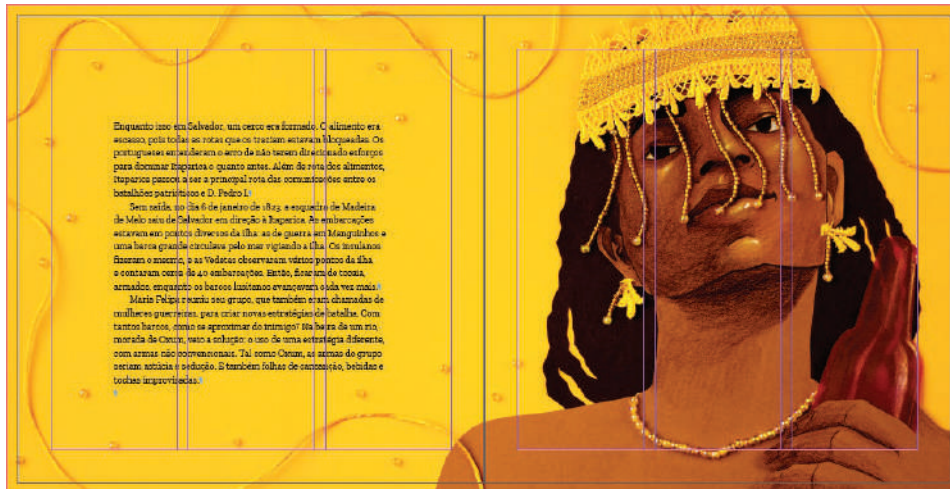
No exemplo abaixo, de uma ilustração do miolo, as edições necessárias incluíram recorte da área útil; correção e alinhamento do ângulo da foto; ajuste do brilho, contraste, luz e sombras; ajuste das cores e temperatura dos tons; reforço e nitidez das linhas e, por fim, ajuste da resolução de imagem para impressão, além de adequação ao formato final escolhido para o livro.



O formato em questão é o quadrado, com 21x21cm. É muito utilizado em livros infanto-juvenis e proporciona bom aproveitamento do papel ao mesmo tempo em que se destaca dos formatos padronizados (14x21cm e 16x23 cm).



O grid (acima) utilizado na diagramação consiste em três colunas que podem abrigar o texto de diversas formas, porém utilizando no máximo a largura de duas colunas, conforme pode ser visto neste exemplo de página diagramada:



A família tipográfica escolhida para o texto corrido foi a Zilla Slab, que proporciona boa leitura devido às serifas. A facilidade da leitura, neste caso, é importante por conta de uma fração do público a que o livro se destina: crianças em idade escolar a partir dos 10 anos.

Zilla Slab Regular

AaBbCcDdEeFfGgHhIiJjKkLlMm
NnOoPpQqRrSsTtUuVvWwXxYyZz
0123456789

ERA UMA TARDE QUENTE NA ILHA DE ITAPARICA, localizada no coração da Baía de Todos os Santos, cercada por um mar de águas tranquilas e por lindos recifes de corais em toda a sua extensão. Daí vinha o seu nome em tupi, que significa “cerca de pedra”. Nas praias e matas a variedade era imensa, com coqueiros gigantes, bananeiras, limoais, cajueiros, mangueiras e o doce perfume de frutas, flores e ervas. Os mangues da ilha fervilhavam com vida: mariscos, ostras, sernambis, aratus e caranguejos em profusão. Diversos outeiros tornavam a ilha praticamente um forte, de onde se podia observar o navegar dos barcos pelo mar.

Caracteres da fonte Zilla Slab Regular, parte da família Zilla Slab. É uma *slab serif* contemporânea criada pelo estúdio holandês Typotheque.

Mancha de texto
Zilla Slab Regular
12pt
entrelinha 16pt

Já a capa foi fotografada em partes, que posteriormente foram agrupadas em um mesmo arquivo, certificando-se de que os tons se nivelassem. A orelha da frente completa o rosto da personagem; a orelha do verso traz as informações de sinopse e autora. Na quarta-capa, um trecho do *Hino Maria Felipa de Oliveira* composto por Celso Xavier Marques e citado no livro da pesquisadora Eny Kleide Vasconcelos Farias.



Por fim, as especificações técnicas do livro estão descritas abaixo:

Formato fechado: 210x210mm

Formato aberto: 420x210mm

Capa: Com orelha - 4x4

Papel de capa: Cartão Supremo 250g

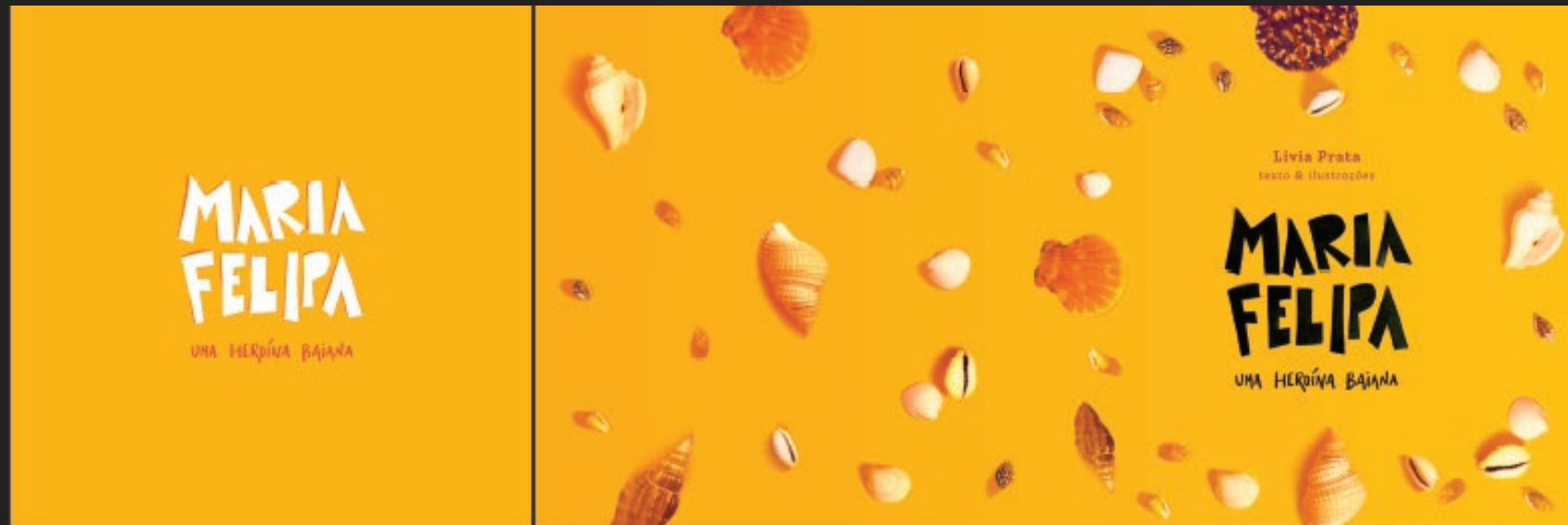
Miolo: 36 páginas - 4x4

Papel de miolo: Couchê fosco 120g

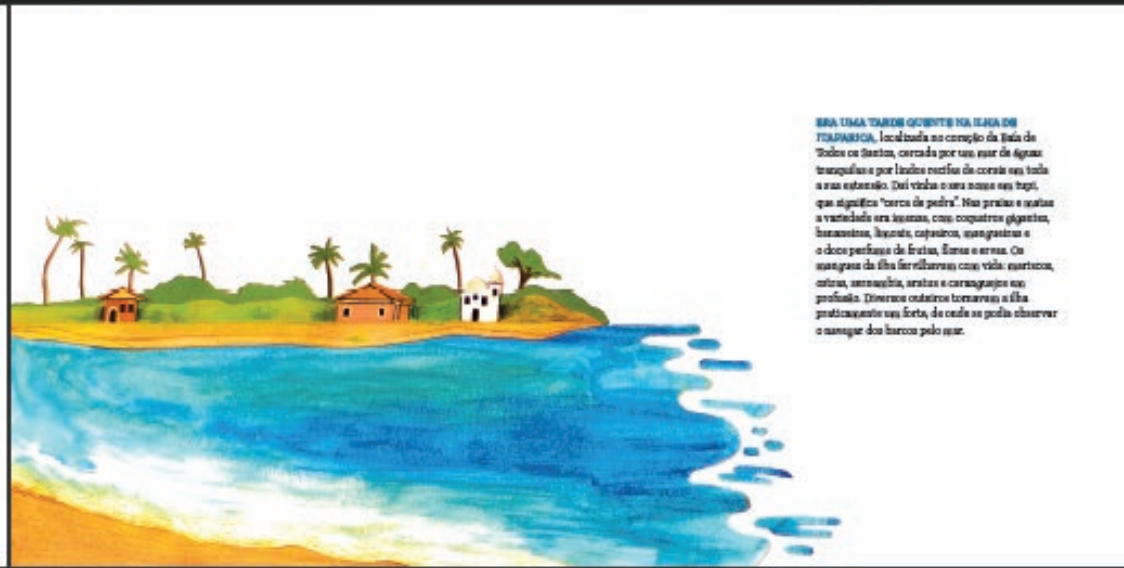
Acabamento: Cola hotmelt (lombada quadrada)

Laminação: Fosca

3.7 RESULTADOS



é Maria Helena.
minha fazenda



ERA UMA TARDE QUENTE NA ILHA DE
FELIPANHA, localizada no cangaço da Baía de
Todos os Santos, cercada por um mar de águas
tranquilas e por lindas restingas de areia em toda
a sua extensão. De lá vinha o seu nome em tupi,
que significa "terra de pedras". Nas praias e restingas
a variedade era enorme, com coqueiros gigantes,
buzinas, lixotes, capotins, mangostins e
o doce perfume de laranjas, limões e orquídeas. Os
marqueses da ilha freqüentavam com suas famílias,
amigos, parentes, amigos e companheiros em
pequenos barcos e outros barcos e ilha
participando em festas, de onde se podia observar
o manuseio dos barcos pelo mar.

Nascida na rua de Gasparina, Maria Felipa queru durante algum tempo na Ilhéris e agora mora no Arrabal de Ponta das Ilhéris, em um casarão chamado de "Convento", onde alguns são q'ento. Localizado na Vila de Raparica, o Convento era uma residência de trabalhadores, onde se alojavam pescadores, carpinteiros, ferreiros, dentos outros. Juntas forjavam uma comunidade, onde ninguém tinha nada a ver e quanto menos coisa cair sobre, sua tábua, sua sua outra.



Maria Felipa retirava a rede e a gradeava e lavava por ter lhe permitido entrar em sua casa e garantir o seu sustento. O trabalho só havia começado agora era preciso colocar toda a peça de dia em um barco para abastecer o frotamento. Combinava a ilha com a pesca da sua rede, e também a ilha com a pesca, onde qualquer se esconder, onde atacar. Tudo isso era de muita utilidade para criar estratégias contra os portugueses, e a tornava uma liderança importante na comunidade. O respeito que possuía vinha da sua coragem e da sua capacidade, e também por ser solteira e cuidadora. Não abandonava ninguém em luta, estava sempre aberta ao momento de todos e não tinha medo de defender a ilha e as pessoas que tanto amava.

Sua figura era impactante: alta, corpulenta, energética. Costumava usar botas bordadas na cor laranja, suas rodadas, turbante, lenço e chinelos. Quando necessitava, agarrava a sua sua pernas e lutava com golpes de capoeira. Sua coragem vê-la com os cabelos molhados, a cabeça descida e as costas levemente de suor agitando-se.

frente da turba. Junto com as suas companheiras, aproveitava-se dessas vestes para esconder armas, principalmente as pedras que utilizavam em seu trabalho. Folhas de agulhas também eram usadas junto à fuma e outras folhas cozidas, ficando com que passassem sem serem percebidas. Ela tinha a fé de suas antepassadas, a fé do catolicismo dos cristãos, dos cabanos escondidos nas costas. Uma fé injustificada, que não se podia declarar em público, praticada clandestinamente.

Apesar de todas as suas lutas, a ilha, no momento, não era seu paraíso para se viver. As notícias vindo de Salvador não eram boas: a coroa portuguesa, em sua cidade autônoma, ordena ao tenente-coronel português Inácio Luís Madeira de Melo que ocupasse o cargo de Governador das Armas da Bahia, passando por cima do atual ocupante do cargo, Manoel Pedro de Freitas, que não aceitou transmitir o cargo sem ser notificado formalmente pelo governo. O governo português propôs um acordo, que também não foi aceita, e as tropas de Madeira de Melo iniciaram um confronto em Salvador. Manoel Pedro de Freitas acabou preso e aprisionado juntamente com o seu irmão, entre elas a Alcaide João José Angélica, que tentava impedir a entrada dos soldados portugueses no Convento da Lapa.

A morte violenta da Srta. aliada com um tiro de bala, causou comoção na cidade de Salvador, que logo se espalhou pelo Rio de Janeiro. Era revoltante a tirania dos soldados portugueses.

calcular no arrebitamento de um convento e assassinato de sua religiosa. Ao tomarem conhecimento da notícia, Maria Felipa e suas companheiras se encontraram em estado de tensão, e a vontade de justiça refletiu-se na ilha de Raparica.

Maria Felipa, então, alia-se ao grupo voluntária na Companhia de Independência, que vinha organizando a resistência na ilha. Il passava a combater a luta contra os portugueses com o seu trabalho de agricultora, pescadora - participando da pesca de balizas - e ganhadeira durante as tardes de vento, vendendo quitetas.

Elas se reuniam ganhadeiras se uniam e se apoiavam, pois pelas costas suas só toleravam juntas eram responsáveis por alimentá-las em tempos de escassez e apatia outros serviços, e festas e que podiam para tr cada vez mais longe do lugar social destinado a elas. Il passava cantando, chamando os frangos.





Naqueles tempos de conflito, muitos barcos estrangeiros navegavam pelo Pacífico. Para apoiar os seus barcos, Maria Pélipa e suas companheiras formaram um grupo chamado de Velotas. A função delas era de sentinelas: noite e dia patrulhavam as costas, se avistavam, as praças e todos os caspales da ilha, inclusive subindo aos outros caspa e do Baluarte e o da Jofa, para próximas aos caspales de guerra. Lemando tachas acenas feitas de palha de coco e chapeito, identificavam portugueses que chegavam de os barcos à noite para saquear a vila (interceptando principalmente alimentos) e também, para lutar. Maria Pélipa liderava este grupo e também se encarregava de repassar informações sobre a guerra para companheiras de luta em Salvador, a bordo de uma jangada.



Os brasileiros viviam em estado de alerta, sabendo que os portugueses se reuniam para atacar. Além da vigilância de sentinelas, havia os que dormiam em barcos ancorados distantes das praças. Distribuíam informações sobre os planos dos portugueses em suas traições.

No madrugada de 10 de julho de 1605, a vila foi atacada. A povoação ficou toda arde, e saqueada de saque, as brancas crucifixas de igrejas e cobertas de saes e gançados; todos desarmadamente buscaram fugir ao desespero furor dos estrangeiros. Maria Pélipa e suas companheiras cuidaram dos feridos. O objetivo deste ataque era tomar a ilha, no mesmo mesmo dia, ou em outras batalhas, pois chegara aos contões de Madreira de Melo que havia sua resistência indígena organizada.

Depois do ataque, os invasores seguiram até Cachoeira, mas retornaram no dia 13 de agosto. Não contavam que no caspale iria trazer suas tropas batalha no Bafreto do Puri, de qual saíram vitoriosos. Entusiasmados com a reconquista da ilha, preseteram então a sua sua poder, casta e que curar. Para isso levantaram proteções e trincheiras por todo o Bimal.

Porém, um mês depois, foi solicitado o retorno dos habitantes de Raparica à Cachoeira por parte de uma Junta da Independência, prontamente negado. "A ilha é nossa e daqui não há quem nos chague a sair", foi a resposta.

Então, um tempo depois, uma canhoneira estrangeira chegou à ilha.



Madreira de Melo reagiu ao ataque e enviou uma vedadeira ofensiva à ilha, composta de várias embarcações. O confronto ocorreu durante o dia 10, até que os invasores derrotaram a barca Conquistação. Maria Pélipa se destacou durante esta batalha junto à suas companheiras de luta, pois sua coragem foi admirada por todos mesmo a de uma grande guerra. assistida pela força e senso de justiça de Xangô. As batalhas ocorriam prosseguiram com os portugueses e a cada uma delas, as fúrias da ilha eram reforçadas.

A canhoneira Deu de Fervoreiro se aproximou da praia de Mangueiras. Contava com oito canhoneiros e 28 peças. Com o apoio de trincheiras construídas nesta praia, os invasores atacaram. Logo após o início, com o calor do sol, um vento e tempestade logo tomou conta da trincheira e forçou as demais canhoneiras estrangeiras a lutar sem retirada, deixando a barca do Fervoreiro livre.

À noite, D. Pedro I foi informado em Ponta das Balizas como príncipe regente e o povoado de Sotopá com tachas acenas e fogueiras nas praças.



Enquanto isso em Salvador, um cerco era formado. O alcaide era acusado, pois todas as rotas que os navios estavam bloqueadas. Os portugueses entendiam o erro de não terem direcionado os esforços para derrotar Raparica e quatro antes. Além de rota dos alcaides, Raparica passou a ser o principal ponto das comunicações entre os batalhões patrióticos e D. Pedro I.

Seus aliados, no dia 6 de janeiro de 1605, a esquadra de Madreira de Melo saiu de Salvador em direção à Raparica. As embarcações estavam em pontos diversos da ilha: as de guerra em Mangueiras e uma barca grande circulava pelo mar vigiando a ilha. Os invasores ficaram, o mesmo, e as Velotas observaram vários pontos da ilha e contaram cerca de 40 embarcações. Então, ficaram de taca, armados, enquanto os barcos estavam avançando, cada vez mais.

Maria Pélipa reuniu seu grupo, que também eram chamados de mulheres guerreiras, para criar novas estratégias de batalha. Com tantos barcos, como se aproximou do inimigo? Na beira de um rio, acorda de Ocaso, veio a solução: o uso de uma estratégia diferente, com armas não convencionais. Tal como Ocaso, as armas do grupo seriam ataca e sedução. E também, fúria de canhoneira, brêchis e tachas improvisadas.



As filhas de casamento eram as filhas de espírito que utilizavam penas à vista, diferenciadas no uso de fitas e folhas verdes. Traziam uma espécie de cartão postal português em contato com a pele caravanas, quando das festas.

Os portugueses estavam atentos ao gesto e, quando o grupo de 40 mulheres lideradas por Maria Pelga se aproximava, elas não eram assustadas, pois não conheciam o perigo das filhas. As mulheres, imediatamente apressadas, ofereciam bebidas aos soldados e as se deixavam para então, marchar com os filhos de casamento. Pagas de surpresa, não imaginavam que elas também possuíam as mesmas fitas de palha de coco, pilótes e chumbo, que foram jogadas por elas nos barcos, incendiando-os.

Uma estratégia criada por Maria Pelga durante a Festa das Filhas em Lagoa e pela manhã o Brasil estava ainda coberto de fumaça. A luta continuava e, finalmente, Maria Pelga lutou na praia do Convento com suas companheiras até que os soldados lusitanos deixaram Tapacúa em y de janeiro.



+ LEMBRANÇA DO SENHOR

HOR DO BONFIM DA BAHIA

+ LEMBRANÇA DO SENHOR

HOR DO BONFIM DA BAHIA

LEMBRANÇA DO SENHOR DO

HOR DO BONFIM DA BAHIA

+ LEMBRANÇA DO SENHOR

HOR DO BONFIM DA BAHIA

LEMBRANÇA DO SENHOR DO

HOR DO BONFIM DA BAHIA

+ LEMBRANÇA DO SENHOR

HOR DO BONFIM DA BAHIA

+ LEMBRANÇA DO SENHOR

HOR DO BONFIM DA BAHIA

+ LEMBRANÇA DO SENHOR

HOR DO BONFIM DA BAHIA

+ LEMBRANÇA DO SENHOR

HOR DO BONFIM DA BAHIA

Indica, por? Não exatamente. O caso ainda acontece em Salvador e os conflitos continuam fora da ilha. Mas, devido a bravura dos combatentes brasileiros, o Forte de São Lourenço em Raposa recebeu sua primeira bandeira brasileira para ser hasteada no largo e sua proclamação elogiosa das raças de Labat, que conquistou as tropas brasileiras. A ocasião de festa não impediu Maria Pelga de ir atrás de um português rico que queria casar-se com ela. Sorriu-o, enquanto ela e suas companheiras brasileiras: "Juremos de copar nossos corações!"

Em abril, enquanto Maria Pelga e suas companheiras estavam se preparando para ir ao Ilhéu de São Lourenço, receberam a notícia de que barcos portugueses pretendiam desembarcar na foz do rio Paraguaçu. Ao chegar, já haviam outras mulheres combatendo com água até a altura dos olhos e suas águas se destacavam entre todas.



Era uma pessoa de cabelos curtos, amarrado e vestida como um soldado. Após combates, empalmar com os portugueses da foz, Maria Felipa foi ferida com aquelas curvas ágeas e descobriu que se tratava de Maria Quitéria, integrante do Batalhão das Periquitas. Ela havia fugido de casa para se alistar como voluntária. Atendeu-se de braços abertos, utilizando as roupas e o sobresselo do chadado. Foi descoberta, mas continuou no batalhão. Possuía um físico sempre tão ágil e terna coragem e disciplina.

Após os conflitos na Ilha de Itaboraí, as tropas de Madeira de Melo, já bastante reduzidas, não resistiram muito tempo. O cerco havia se acirrado ainda mais. A cidade de Salvador estava completamente isolada e já não havia como continuar com as plenas da causa portuguesa. Madeira de Melo propôs um acordo de cessar fogo, que só seria aceite após a capital aceitar um acordo a seguir. Dessa forma, as tropas portuguesas abandonaram definitivamente Salvador em 2 de julho de 1823.



Maria Felipa de Oliveira

nascida de pais escravizados e nesta condição permaneceu até conseguir sua liberdade. Sua origem, provavelmente, era sudanesa. Com boas roupas, e nos relatos de memórias da Ilha de Itaboraí, partindo-se na história oral e não na oficial, Filomena Orje construiu o retrato ao lado, por não existir um retrato oficial da heroína.

O texto deste livro foi baseado principalmente no livro de Day Mlych Vasconcelos Farias "Maria Felipa de Oliveira - Heroína da Independência da Bahia" e no romance histórico de Xavier Marques "O Sargento Pedro - Tradições da Independência", além de outras fontes encontradas em pesquisas realizadas sobre a vida da heroína.



Este livro foi elaborado em homenagem à data da criação do primeiro Conselho Nacional de Mulheres.
por Tere Medeiros



4. CONCLUSÃO

A sensação que perdura após a conclusão deste projeto é a de dever cumprido. Um dos princípios que, para mim, norteia o trabalho como designer e ilustradora é a possibilidade de trazer para o mundo projetos relevantes no sentido cultural, que possam ser aliados no combate à desigualdade social, econômica e de gênero. Acredito que todos temos responsabilidade enquanto indivíduos em fazer o que for possível para corrigir as injustiças que testemunhamos todos os dias, e isso não é diferente na profissão. Jamais me sentiria completa em um projeto que servisse apenas à perpetuação do design essencialmente corporativo, mercadológico e esvaziado de propósito social.

Felizmente, *Maria Felipa: uma heroína baiana* cumpre tais objetivos. Mas não completamente, claro. É apenas uma esforçada contribuição, uma semente em uma floresta que só vai germinar com esforço coletivo. O resultado é um livro que pode transitar bem entre crianças em idade escolar, de aproximadamente 10 até 16 anos, apoiando o conteúdo da sala de aula e contribuindo para debater os temas com que se relaciona, como racismo e feminismo. Com este livro, pode-se discutir a questão da Independência de forma que os alunos tomem conhecimento de que não foi somente um processo pacífico conduzido por D. Pedro I.

Pode-se discutir os motivos pelos quais uma heroína negra foi apagada da história oficial. Pode-se discutir a participação feminina e popular em movimentos políticos no Brasil, a diáspora africana e suas consequências, as religiões afrobrasileiras como o candomblé e as manifestações culturais do nordeste do país. Além disso, a história de Maria Felipa pode servir de referência e inspiração para milhares de meninas se sentirem representadas na história do nosso país tão tomado por personalidades históricas masculinas.

Como problemáticas, é necessário citar a dificuldade em conseguir as fontes de pesquisa, agrupá-las, interpretá-las e transformá-las em um texto narrativo. Foi um trabalho árduo, quase uma colcha de retalhos. Porém é o que se espera de uma história pouco conhecida e divulgada. Sou extremamente grata à todos os pesquisadores e professores que escreveram sobre Maria Felipa e me permitiram recontar essa história em um livro ilustrado, deixando-a da forma mais acessível e atraente possível.

Por fim, acredito que ainda há muita pesquisa a fazer e muito a ser feito em relação a Maria Felipa e sua participação na Independência. Não podemos mudar nosso passado, mas podemos mudar a forma como o vemos e assim construir um novo futuro. Deixo aqui a minha contribuição para os que desejarem seguir adiante nessa necessária tarefa.

BIBLIOGRAFIA

LINDEN, Sophie Van der. **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

OLIVEIRA, Rui de. **Pelos Jardins Boboli: Reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

NIKOLAJEVA, Maria ; SCOTT, Carole. **Livro ilustrado: Palavras e imagens**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

FARIAS, Eny Kleide Vasconcelos. **Maria Felipa de Oliveira, Heroína da Independência da Bahia**. Salvador: Quarteto, 2010.

ARRAES, Jarid. **Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis**. 1a ed. São Paulo: Pólen, 2017.

MARQUES, Xavier. **O sargento Pedro: tradições da Independência**. 3a ed. São Paulo: GRD-MEC ; Brasília: INL, 1976.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PRANDI, Reginaldo. **Contos e lendas afro-brasileiros: a criação do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FIELD, Syd. **Manual do roteiro: os fundamentos do texto cinematográfico**. 14a ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Viva o povo brasileiro**. 1a ed. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2008.

OSÓRIO, Ubaldo. **Ilha de Itaparica: História e tradição**. 3a ed. Salvador: Artes Gráf., 1953.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. 11a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 15, p. 74-82, ago. 2001. Entrevista concedida a Juremir Machado da Silva.

DEL PRIORE, Mary. **A mulher na história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 12a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

Guerra da Independência na Bahia: As principais batalhas. Produção de Roquette Pinto. Brasília: TV Escola, 2015. (25:53 min.) Disponível em: <<https://api.tvescola.org.br/tve/video/guerra-da-independencia-na-bahia-as-principais-batalhas>>. Acesso em: 24 ago. 2018.

TV Brasil. **Caminhos da Independência, o grito nas ruas**. 2012. (52:13 min.) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SSLIsarPiPY>>. Acesso em: 13 set. 2018.

FARIAS, Eny Kleide Vasconcelos. **Maria Felipa de Oliveira no Dois de Julho**. 2015. (15:34 min.) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Tb-oGAnjJREo&t=324s>>. Acesso em: 13 set. 2018.

Todos Negros do Mundo. **Memórias da África em ferro: A mensagem subliminar esculpida em antigos portões**. Disponível em: <<http://todosnegrosdomundo.com.br/memorias-da-africa-em-ferro-a-mensagem-subliminar-esculpida-em-antigos-portoes/>>. Acesso em: 25 nov. 2018.

SILVA, Marcelo Renato Siquara. **Independência ou morte em Salvador: O cotidiano da capital da Bahia no contexto do processo de independência brasileiro (1821-1823)**. 2012. 178 p. Tese (Pós-graduação) - Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11617/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Final%20de%20Marcelo%20Renato%20Siquara%20Silva.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2018.